



**OBSERVATÓRIO DE SAÚDE DE MINAS GERAIS  
MICRORREGIÃO PADRE PARAÍSO**

## Apresentação

A coordenadoria de Monitoramento de Dados Epidemiológicos da Superintendência de Epidemiologia apresenta a terceira versão do Observatório de Saúde.

O objetivo desta publicação é apresentar para o gestor de saúde um conjunto de indicadores que devem ser acompanhados na rotina do serviço para planejar ações de saúde baseadas em evidências e avaliar seu impacto.

Nesta versão acrescentamos á série histórica de indicadores um breve comentário sobre a importância da cobertura e qualidade dos dados e a necessidade do acompanhamento mais rigoroso dos Sistemas de Informação em Saúde – SIS pelos gestores e técnicos de saúde.

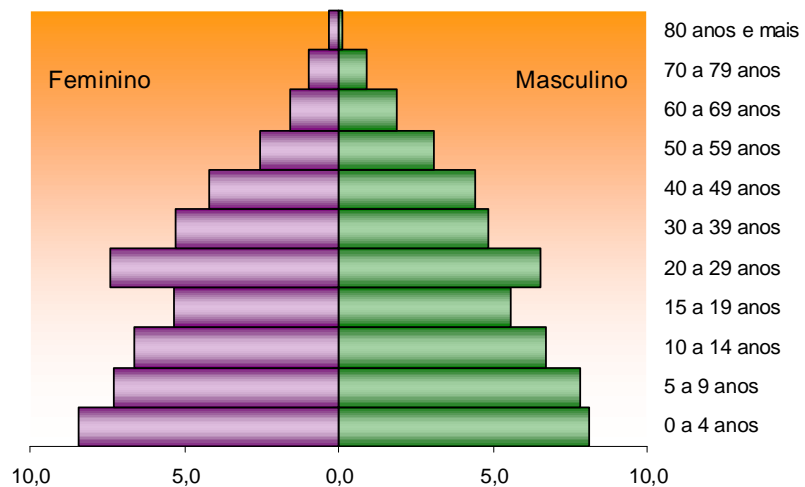
“Sistemas de Informação em saúde compreendem o conjunto de subsistemas de informações de natureza demográfica, epidemiológica, administrativa e gerencial necessárias ao estudo e gestão dos bens e serviços de Saúde. A presença de sistemas de informação desenvolvidos indica uma maior estruturação dos serviços de vigilância em saúde e , possivelmente, maior organização dos serviços de atenção e qualidade no atendimento aos usuários.” – Epidemiologia das desigualdades em saúde no Brasil: um estudo exploratório/ Duarte, Elizabeth Carmem ... et al. Brasília: OPAS 2002.

## Dados Demográficos

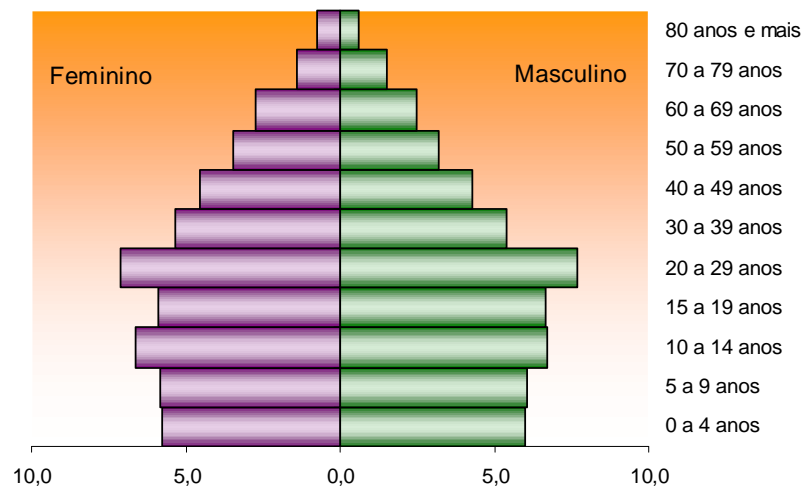


A estrutura etária mostra a composição proporcional da população por sexo e faixa etária. Este dado é importante para o gestor organizar os serviços de saúde de acordo com a clientela a ser atendida, por exemplo, serviços de imunização, serviços de atenção ao idoso, serviços de planejamento familiar e prevenção de morte materna, atenção ao adolescente e outros. Também é necessário observar a proporção de população rural, uma vez que esta população tem necessidades diferentes e menor acesso aos serviços de saúde devido às grandes distâncias entre residência ou trabalho e os serviços de saúde.

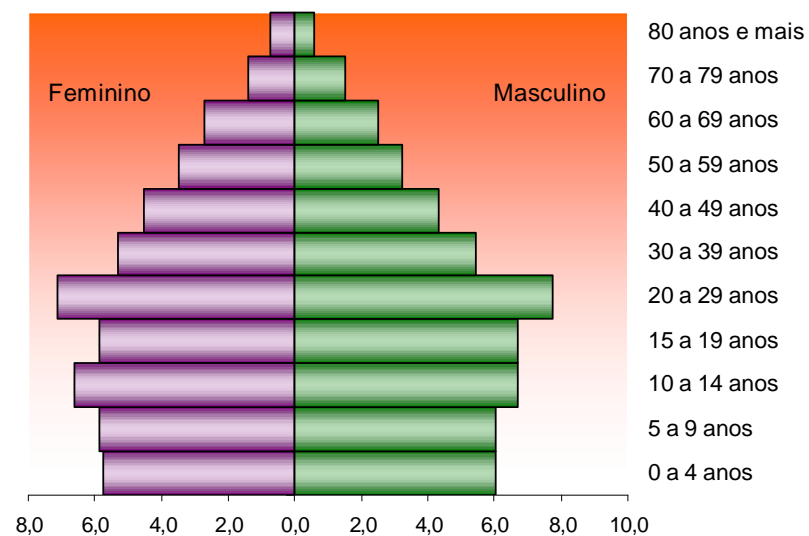
**Estrutura etária populacional Microrregião,  
Padre Paraíso, Minas Gerais 1980**



**Estrutura etária populacional Microrregião,  
Padre Paraíso, Minas Gerais 2000**



**Estrutura etária populacional Microrregião,  
Padre Paraíso, Minas Gerais 2006**



As estruturas etárias de 1980 e 2000 demonstram o envelhecimento da população.

Fonte: IBGE - MS/DATASUS - CMDE/SE/SESMG/SUS

**População residente por sexo segundo faixa etária Microrregião,  
Padre Paraíso, Minas Gerais 2006**

Faixa Etária	Masculino		Feminino		Total
	nº	%	nº	%	
0 a 4 anos	3482	6,0	3332	5,8	6814
5 a 9 anos	3493	6,0	3372	5,8	6865
10 a 14 anos	3885	6,7	3833	6,6	7718
15 a 19 anos	3864	6,7	3394	5,9	7258
20 a 29 anos	4493	7,8	4109	7,1	8602
30 a 39 anos	3126	5,4	3073	5,3	6199
40 a 49 anos	2489	4,3	2611	4,5	5100
50 a 59 anos	1855	3,2	2009	3,5	3864
60 a 69 anos	1439	2,5	1572	2,7	3011
70 a 79 anos	865	1,5	793	1,4	1658
80 anos e mais	333	0,6	413	0,7	746
<b>Total</b>	<b>29324</b>	<b>50,7</b>	<b>28511</b>	<b>49,3</b>	<b>57835</b>

Fonte: IBGE - MS/ DATASUS/ CMDE/SE/SESMG/SUS

**Proporção da população urbana e rural, Minas Gerais, Microrregião Nordeste,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000**

<b>Região</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>
Minas Gerais	82,0	18,0
Macrorregião Nordeste	60,7	39,3
Microrregião Padre Paraíso	40,8	59,2

Fonte: IBGE/DATASUS/GMDE/SE/SESMG/SUS

**Distância, densidade demográfica e IDH, Microrregião Padre Paraíso, Minas Gerais 2000**

<b>Município</b>	<b>Distância de BH</b>	<b>Densidade demográfica</b>	<b>IDH</b>	<b>Classificação na UF</b>
Carai	377	16,8	0,64	775
Catuji	379	17,3	0,62	803
Itaipé	379	17,3	0,62	803
Padre Paraíso	398	32	0,62	803

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano/GMDE/SE/SESMG-SUS

## Nascidos Vivos



As informações sobre os nascidos vivos são obtidas a partir do Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos – SINASC.

A coleta de dados, fluxo e periodicidade de envio das informações são reguladas pela portaria 20, de 03 de outubro de

2003. O SINASC apresenta como documento base a Declaração de Nascido Vivo-DN, documento distribuído gratuitamente em todo território nacional e sua emissão é obrigatória para todos os nascidos vivos no local de ocorrência do nascimento. É obrigatória sua apresentação para fins de registro em cartório de registro civil.

O SINASC nos fornece informações sobre condições da mãe e do nascimento, informações estas que permitem avaliação do sistema de saúde como número de consultas de pré-natal e informações que permitem organizar ações de atenção como número de nascidos vivos de baixo peso. O SINASC é usado também como numerador para cálculo de cobertura vacinal e taxa de mortalidade infantil. O primeiro passo é avaliar cobertura e investir em busca ativa em hospitais e cartórios para melhorá-la.

As consultas de pré-natal são muito importantes, pois é neste período que alguns exames são solicitados e permitem prevenir e tratar doenças que podem colocar em risco a saúde da gestante e a do bebê.

### **Exames de sangue:**

**Hemograma** - para saber se a gestante tem anemia, que é muito comum na gravidez.

**Glicemia** - para saber se a gestante tem diabetes.

**VDRL** - para saber se a gestante tem sífilis. Se essa doença não for tratada, o bebê pode nascer com sérios problemas de saúde.

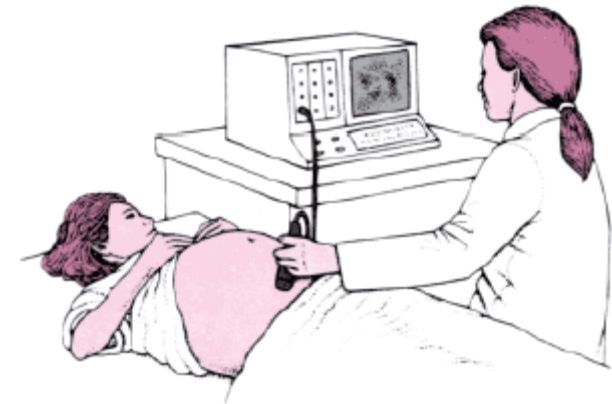
**Tipo de sangue** - para identificar o tipo de sangue da mãe e saber se esta vai precisar de acompanhamento especial como é o caso de gestantes RH negativo.

**Anti-HIV** - para saber se a gestante tem o vírus da aids. Se tiver pai poder se tratar para não passar o vírus para o seu bebê.

**Exame de urina** - Para saber se a gestante está com infecção urinária.

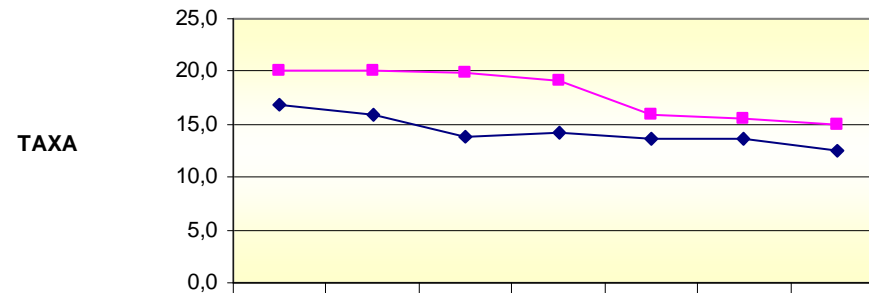
*Fonte: Agenda da Gestante, MS*

Outras informações importantes estão na linha guia Atenção ao Pré-natal, Parto e Puerpério da SESMG.



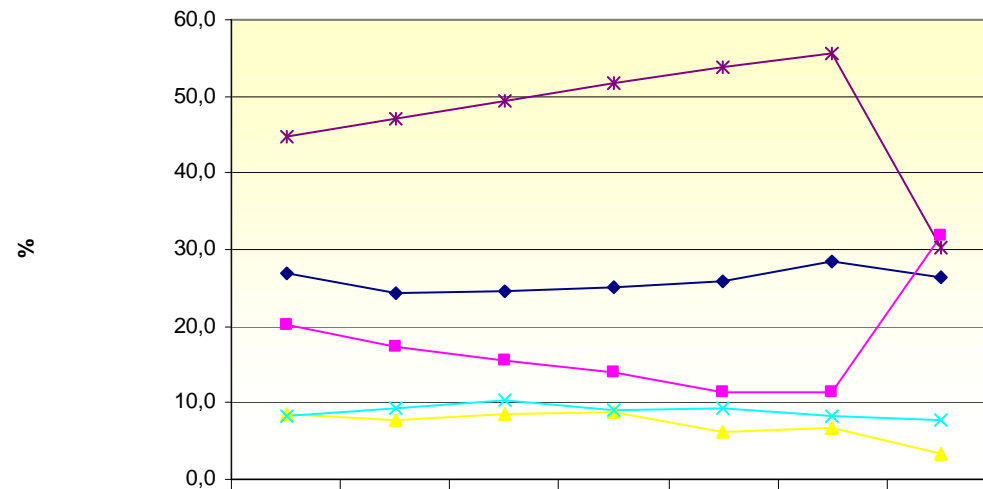


**Taxa de Natalidade estimada para a região Sudeste e taxa de natalidade registrada pelo SINASC, Microrregião de Padre Praíso, Minas Gerais 2000-2006**



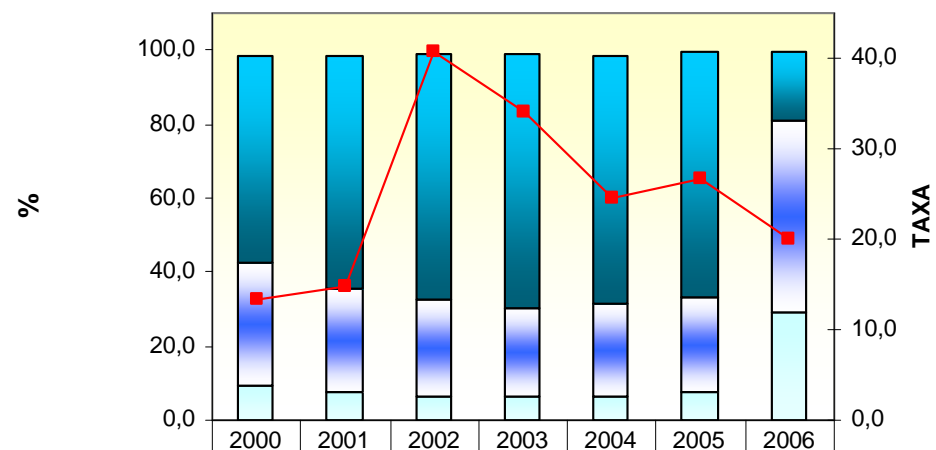
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
—◆— Taxa de Natalidade registrada	16,9	15,8	13,9	14,2	13,7	13,6	12,5
—■— Taxa de Natalidade esperada	20,0	20,0	19,9	19,2	15,9	15,5	14,9

**Proporção de Nascidos vivos de mães com menos de 20 anos, mães com menos de 4 anos de estudo, gestação de menos de 37 semanas, baixo peso ao nascer e partos cesáreos, Microrregião de Padre Paraíso, Minas Gerais 2000-2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ Mães com menos de 20 anos	26,9	24,2	24,6	25,0	26,0	28,4	26,4
■ Mães com menos de 4 anos de estudo	20,2	17,4	15,5	13,9	11,3	11,3	31,9
▲ Menos de 37 semanas de gestação	8,4	7,7	8,4	8,7	6,1	6,7	3,3
× Peso ao nascer menor que 2500g	8,2	9,3	10,4	9,0	9,3	8,3	7,8
* Partos cesáreos	44,8	47,2	49,4	51,8	53,8	55,5	30,4

**Proporção de Consultas de Pré-natal e Taxa de Mortalidade Infantil, Microrregião de Padre Paraíso, Minas Geris 2000-2006**



7 e mais consultas de pré-natal	56,2	63,2	66,4	68,9	67,0	66,3	18,5
4 a 6 consultas de pré-natal	32,9	27,6	26,1	23,3	24,7	25,5	52,0
Menos de 4 consultas de pré-natal	9,3	7,7	6,5	6,7	6,7	7,5	29,0
TMI	13,4	14,7	40,7	34,1	24,5	26,7	20,0

## Cobertura Vacinal



O PROGRAMA DE IMUNIZAÇÃO DE MINAS GERAIS tem como objetivo controlar, eliminar e manter erradicadas as doenças imunopreveníveis. Dispõe de 44 (quarenta e quatro) tipos de imunobiológicos para o atendimento de toda a população. Trabalhamos com 3 calendários de vacina: o da criança, do adolescente do adulto e do idoso. O Estado vem conseguindo alcançar as metas para quase todas as vacinas do calendário da criança. Porém é preciso ainda maior empenho dos gestores e profissionais de saúde para melhorar a vacinação dos adolescentes e adultos,

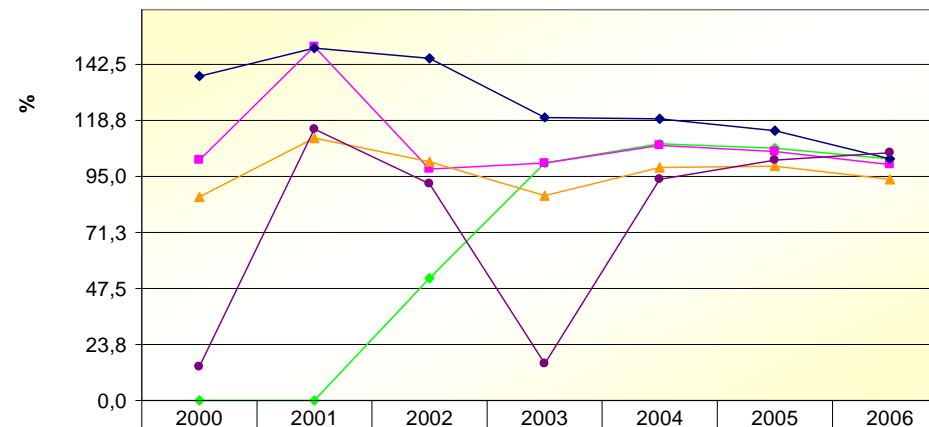
principalmente para as vacinas contra Hepatite B que é uma doença de risco nesta faixa etária, bem como a vacina contra o Tétano que necessita de um reforço aos 15 anos e a Tríplice Viral que protege contra caxumba, sarampo e rubéola e de grande importância para o controle da síndrome da rubéola e da rubéola congênita. É considerado o programa de saúde brasileiro que deu certo e para continuar faz-se necessário o apoio dos gestores em todas as ações de imunização, seja nas salas de vacina, nas vacinações extramuros, nas campanhas e nos registros corretos de doses aplicadas.

Tânia Maria Soares Arruda Caldeira Brant  
Coordenadoria de Imunização CI/GVE/SE/SES-MG

Neste trabalho apresentamos a cobertura vacinal, de menores de um ano de:

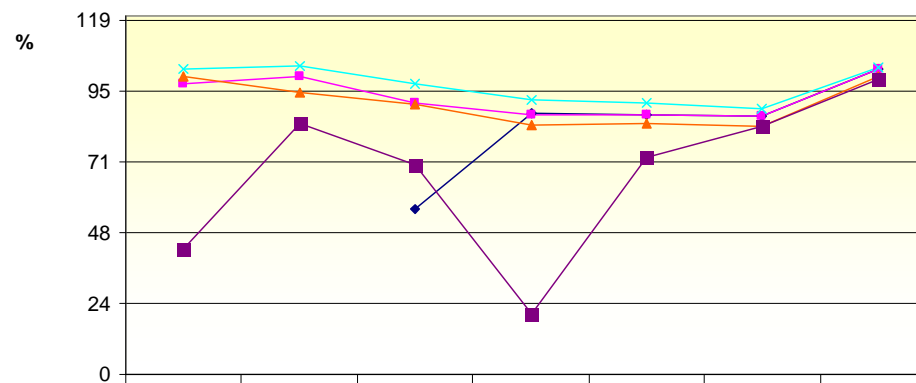
- Haemophilus influenzae contra meningite por Haemophilus influenzae tipo B. Este imunobiológico foi substituído a partir de 2002 pela Tetravalente (DTP + HIB).
  - Tetravalente contra tétano, coqueluche, difteria, meningite e outras infecções causadas pelo Haemophilus influenzae tipo B.
  - BCG contra formas graves de tuberculose.
  - Contra Sarampo, substituída pela Tríplice viral aplicada aos 12 meses
  - Contra Febre Amarela, contra Hepatite B e contra Poliomielite.
  - Para cálculo de coberturas de menores de um ano de 2005 e 2006 foi usada a população SINASC, para os anos anteriores foi usada a população menor de um ano publicada pelo IBGE/DATASUS e as doses aplicadas de imunobiológicos de todas as coberturas foram as registradas no SI-API.
  - Apresentamos também a cobertura vacinal, em campanhas, contra poliomielite em menores de cinco anos e cobertura vacinal contra influenza nos maiores de 60 anos. Estas coberturas foram calculadas pela população IBGE.
  - As metas preconizadas pelo Ministério da Saúde para efetivo controle doenças imunizadas são:  
Tetravalente, Tríplice Viral, contra Hepatite B e contra Poliomielite - 95%; BCG - 90%; Febre Amarela - 100%;  
Influenza em maiores de 60 anos - 75% .
- Para informações mais completas consultar os calendários de imunização.

**Cobertura vacinal de rotina em menores de um ano,  
Microrregião de Padre Paraíso, 2000-2006**



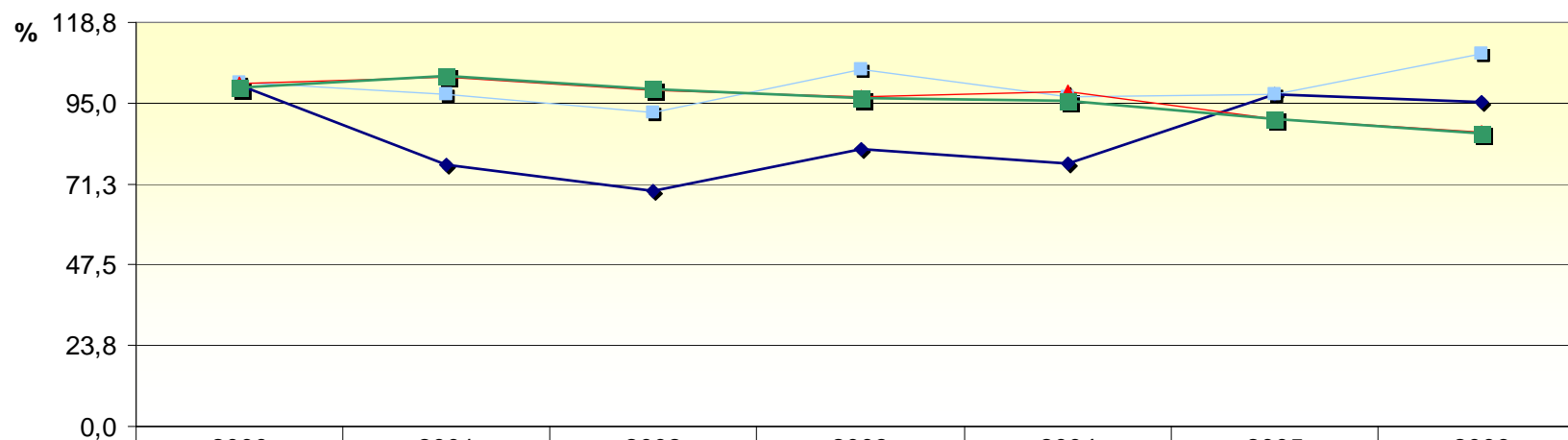
◆ Tetraivalente	0,0	0,0	52,0	100,5	108,6	107,1	102,9
■ Contra Poliomielite Oral	101,7	150,2	98,0	101,0	108,5	106,0	100,0
▲ Contra Hepatite B	86,2	111,6	101,5	86,8	98,5	99,6	94,1
◆ BCG	137,7	149,7	145,0	119,8	119,3	114,2	102,7
● Contra Febre Amarela	14,7	115,2	91,7	15,7	93,9	102,2	105,2

**Cobertura vacinal de rotina em menores de um ano, Minas Gerais, 2000-2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ Tetravalente			55,4	87,6	87,2	86,4	102,1
■ Contra Poliomielite Oral	97,1	99,6	91,1	87,1	87,0	86,4	102,1
▲ Contra Hepatite B	100,0	94,5	90,3	83,4	83,8	83,1	99,6
× BCG	102,1	103,3	97,3	91,9	90,8	88,9	102,9
■ Contra Febre Amarela	42,1	84,0	70,3	20,3	72,6	83,1	98,7

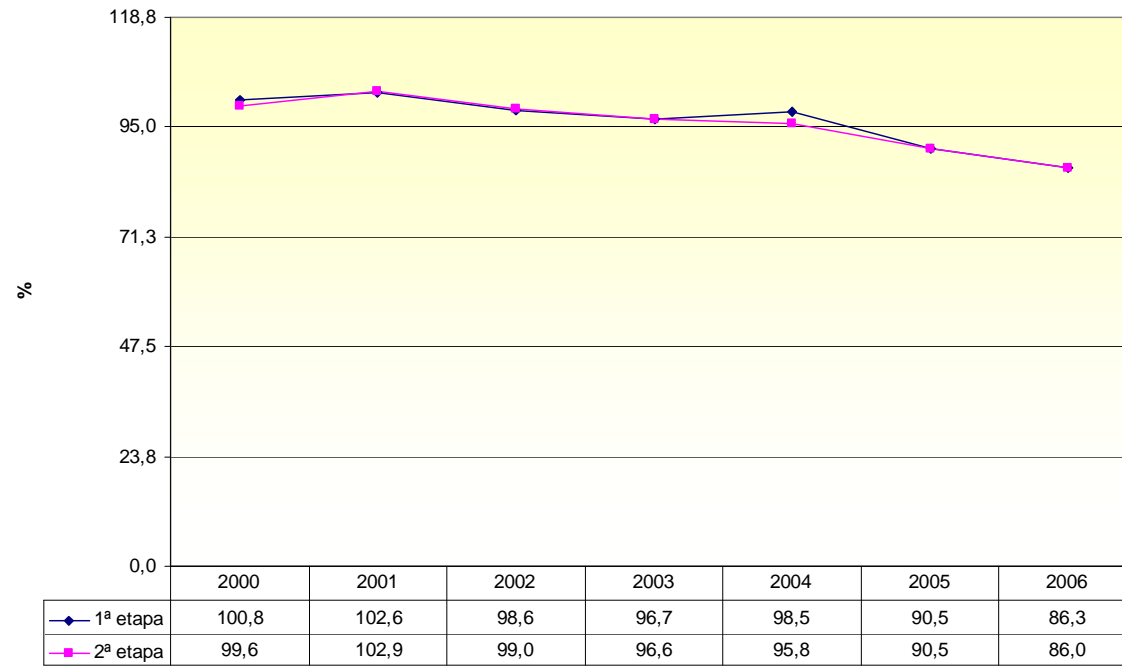
**Cobertura vacinal contra poliomielite, em menores de 5 anos, em campanhas, Microrregião de Padre Paraíso, Minas Gerais, 2000-2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ 1º etapa Micro	100,3	76,9	69,3	81,5	77,4	97,7	95,2
■ 2º etapa Micro	101,1	97,7	92,1	105,0	97,0	97,6	109,6
▲ 1º etapa MG	100,8	102,6	98,6	96,7	98,5	90,5	86,3
■ 2º etapa MG	99,6	102,9	99,0	96,6	95,8	90,5	86,0



**COBERTURA VACINAL, EM CAMPANHAS, CONTRA POLIOMIELITE, EM MENORES DE 5 ANOS, MINAS GERAIS, 2000-2006**



**Cobertura Vacinal contra Poliomielite em menores de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Caraí	51,54	50,97	51,95	58,04	55,12	81,36	100,73	103,20
Catuji	109,02	106,10	107,32	121,82	97,59	137,69	130,00	120,37
Itaipé	86,14	73,94	64,42	73,90	81,48	91,24	79,56	68,42
Padre Paraíso	164,72	100,50	79,60	100,75	94,03	100,61	93,52	62,38

Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

**Cobertura Vacinal por Tetravalente em menores de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Caraí	0,00	0,00	25,78	56,27	53,74	84,02	100,24	103,20
Catuji	0,00	0,00	67,07	122,42	97,59	133,08	130,00	121,30
Itaipé	0,00	0,00	50,32	69,81	83,64	91,24	79,56	68,42
Padre Paraíso	0,00	0,00	31,34	105,72	95,27	97,17	100,00	62,38

Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

**Cobertura Vacinal contra Hepatite B em menores de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Caraí	43,71	52,14	50,39	54,90	53,54	72,88	92,01	88,66
Catuji	159,84	107,32	108,54	128,48	99,40	140,77	121,54	119,44
Itaipé	122,10	85,02	73,40	66,98	86,73	92,34	80,29	74,56
Padre Paraíso	105,01	82,79	78,86	99,00	96,52	101,01	89,88	67,72

Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

**Cobertura Vacinal contra Rotavírus em menores de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Carai	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	48,91	64,83
Catuji	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	52,31	104,63
Itaipé	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	42,34	40,79
Padre Paraíso	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	37,85	54,85

Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

**Cobertura Vacinal contra Febre Amarela em menores de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Carai	0,00	23,93	40,82	15,88	39,57	65,38	86,44	69,77
Catuji	1,64	48,78	54,27	23,64	81,33	132,31	111,54	113,89
Itaipé	0,00	29,64	52,88	12,58	63,89	85,04	89,78	66,23
Padre Paraíso	0,84	29,43	47,26	41,54	45,27	86,64	84,21	63,59

Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

**Cobertura Vacinal por Tríplice Viral em crianças de um ano de idade,  
Microrregião Padre Paraíso, 2000-2007**

<b>Municípios \ ano</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Carai	9,59	59,73	60,45	80,18	98,42	88,62	90,56	113,95
Catuji	59,03	120,47	113,45	133,14	108,09	142,31	136,92	117,59
Itaipé	28,27	84,40	96,47	133,08	88,26	90,15	101,82	70,61
Padre Paraíso	84,63	75,45	62,37	142,78	123,20	93,93	88,87	68,20

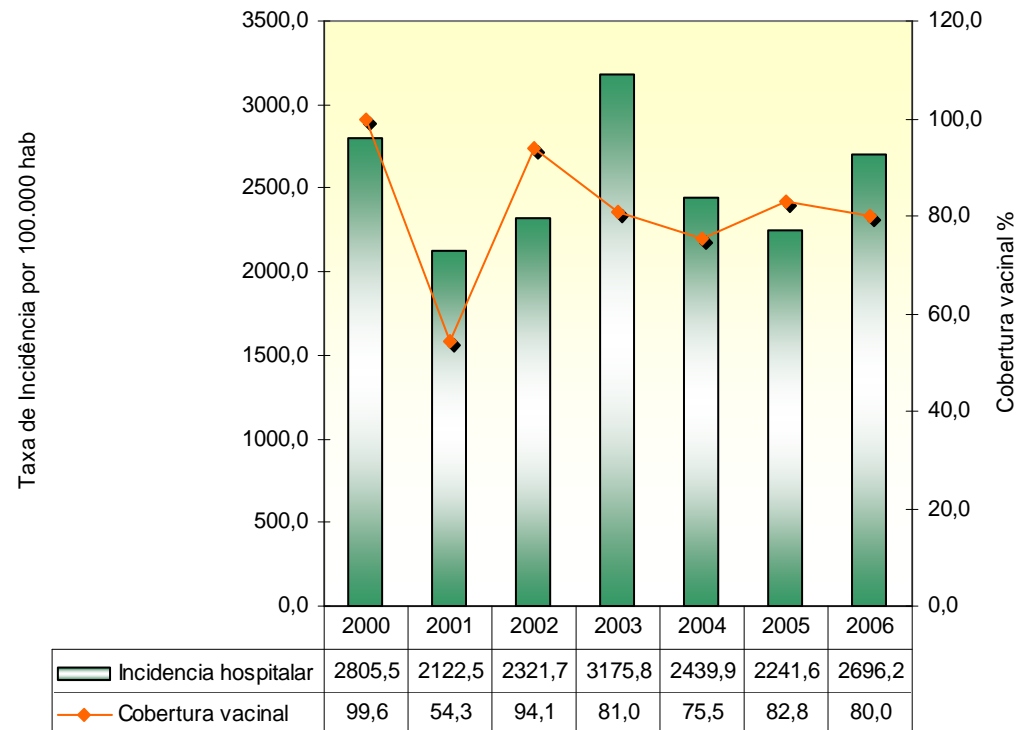
Fonte: API/SE/SES/MG/SUS

## Cobertura Vacinal contra Influenza



A seguir apresentamos a cobertura vacinal contra Influenza, em maiores de 60 anos e taxa de incidência hospitalar de Influenza, Pneumonia, Bronquite, Enfisema e outras doenças pulmonares obstrutivas crônicas. O objetivo é avaliar o impacto da imunização nas hospitalizações por estas causas.

Taxa de hospitalização, pelo SUS, de Influenza, Pneumonia, Bronquite, Enfizema e outras Doenças Pulmonares Obstrutivas Crônicas, em maiores de 60 anos e Percentual de Cobertura Vacinal contra Influenza, em maiores de 60 anos, Microrregião de Padre Paraíso, Minas Gerais, 2000-2006



Fonte: DATASUS/API/CMDE/SE/SESMG/SUS

## Mortalidade

Os dados de mortalidade podem ser apresentados de várias formas: em números absolutos, em proporções e taxas ou coeficientes. Cada modo de apresentação traz uma informação diferente. O número absoluto de óbitos não permite comparabilidade entre locais ou o mesmo local em períodos diferentes. A melhor maneira de apresentação dos óbitos é através das taxas de mortalidade, uma vez que este indicador representa o risco de óbito na população.

Ex: A taxa de mortalidade por Neoplasias em Rio Verde em 2004 é 34,1/100.000 hab e a proporção de óbitos por neoplasia é de 25%. Significa que no total de óbitos deste município em 2004, os óbitos por neoplasia contribuíram com 25% ou  $\frac{1}{4}$  do total de óbitos. A proporção de óbitos por causas é influenciada pelos óbitos sem assistência médica e por causas mal definidas. À medida que a qualidade da informação melhora, a proporção de óbitos por causas definidas aumenta sem que isto signifique maior risco de óbito.

A taxa de 34,1/100.000 habitantes significa que o risco de óbito por neoplasias em Rio Verde, em 2004 foi de 34,1 para cada 100.000 habitantes.

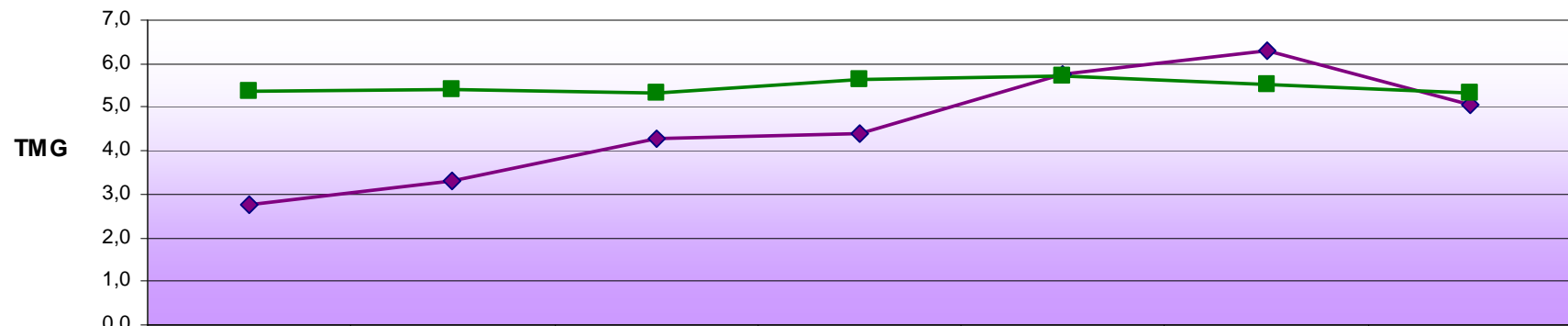
As taxas de mortalidade, principalmente a taxa de mortalidade infantil apontam para as desigualdades das condições de vida. Redução da mortalidade infantil e materna são objeto de pactuação. Redução da mortalidade infantil e materna são objeto de

pactuação. Uma das responsabilidades do gestor é com a alimentação e com a qualidade dos bancos de dados. Deve-se observar o percentual de cobertura de informações, por exemplo, uma taxa de mortalidade geral menor que 4/1000 habitantes sugere deficiências na captação dos óbitos e a necessidade de implementação de busca ativa em cartórios e unidades de saúde. A proporção de óbitos por causas mal definidas também deve ser objeto de acompanhamento por parte do gestor local. Minas Gerais pactuou junto ao Ministério da Saúde a redução de causas mal definidas para 10%.



O documento padrão para coleta dos dados é a Declaração de Óbito – DO, distribuída gratuitamente em todo o território nacional e é obrigatória sua apresentação para registro do óbito nos cartórios de Registro Civil. A emissão da declaração de óbito é atribuição médica definida em resolução pelo Conselho Federal de Medicina. O Fluxo e periodicidade de envio das informações são regulados pela portaria nº 20 de 03 de outubro de 2003.

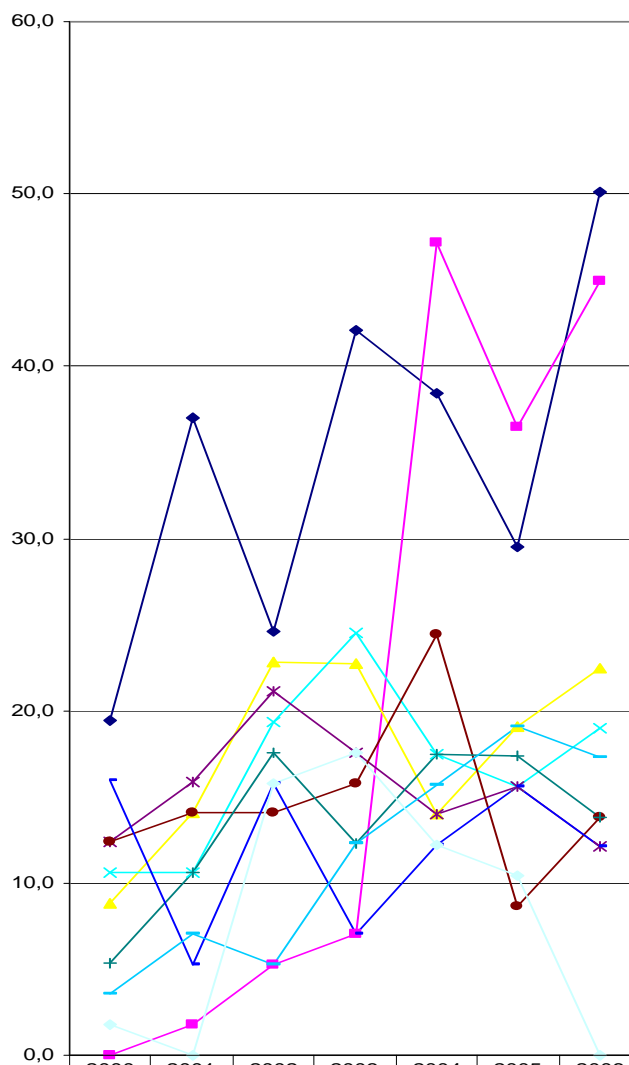
**Taxa de Mortalidade Geral, Padre Paraíso, Minas Gerais 2000 - 2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ Padre Paraíso	2,8	3,3	4,3	4,4	5,8	6,3	5,0
■ Minas Gerais	5,4	5,4	5,3	5,6	5,7	5,5	5,3

**Taxa de mortalidade por causas selecionadas,  
Microrregião de Padre Paraíso, 2000-2006**

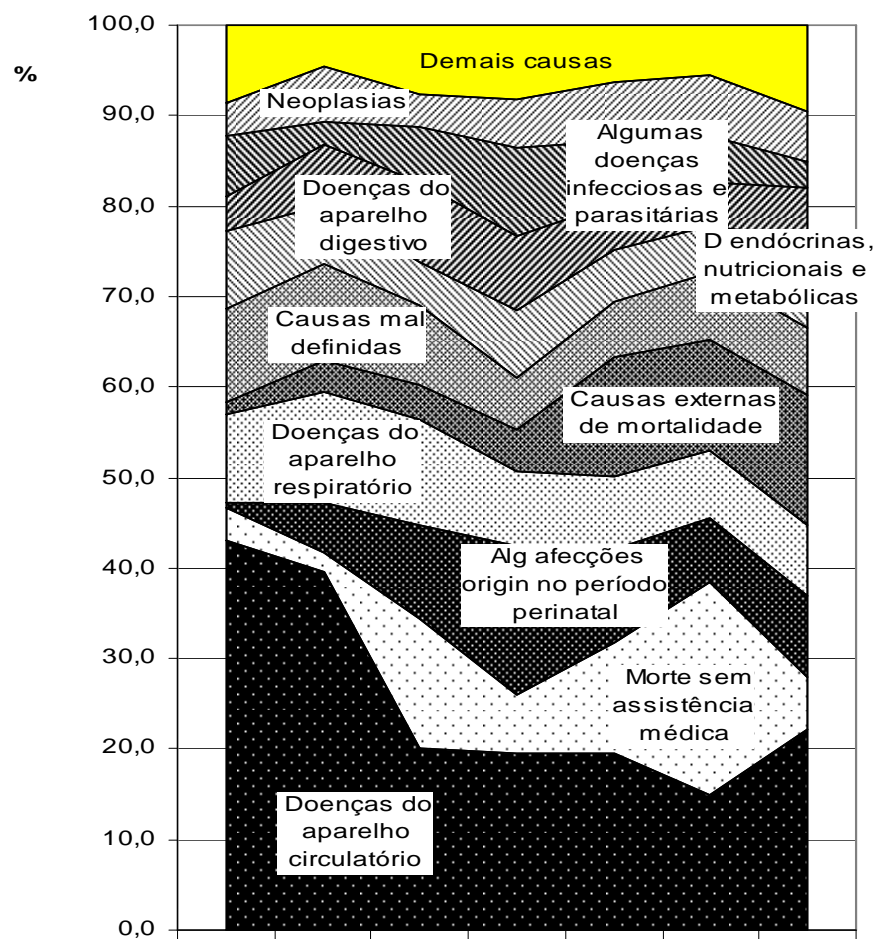
Taxa / 100 000 hab



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ Doenças cerebrovasculares	19,5	37,0	24,6	42,1	38,4	29,5	50,1
■ Agressões	0,0	1,8	5,3	7,0	47,2	36,4	45,0
▲ Doenças do fígado	8,8	14,1	22,8	22,8	14,0	19,1	22,5
× Desnutrição	10,6	10,6	19,3	24,5	17,5	15,6	19,0
✱ Pneumonia	12,4	15,9	21,1	17,5	14,0	15,6	12,1
● Doenças hipertensivas	12,4	14,1	14,1	15,8	24,5	8,7	13,8
+ Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	5,3	10,6	17,6	12,3	17,5	17,4	13,8
— IAM e outras doenças isquêmicas do coração	15,9	5,3	15,8	7,0	12,2	15,6	12,1
— Acidentes de transporte	3,5	7,1	5,3	12,3	15,7	19,1	17,3
— Septicemia	1,8	0,0	15,8	17,5	12,2	10,4	0,0



**Óbitos proporcionais por grupo de causas,  
Microrregião de Padre Paraíso, 2000-2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
■ Demais causas	8,6	4,6	7,6	8,3	6,3	5,5	9,6
▨ Neoplasias	3,7	6,1	3,8	5,3	6,6	6,6	5,5
▩ Algumas doenças infecciosas e parasitárias	6,7	2,5	6,1	9,8	6,9	5,2	2,9
▧ Doenças do aparelho digestivo	3,7	6,6	8,7	8,3	5,2	4,7	5,8
▦ D endócrinas, nutricionais e metabólicas	8,6	6,6	4,9	7,5	5,7	5,2	9,6
▤ Causas mal definidas	10,4	10,7	8,7	5,6	6,0	7,5	7,4
▣ Causas externas de mortalidade	1,2	3,6	3,8	4,5	13,2	12,2	14,5
▢ Doenças do aparelho respiratório	9,8	12,2	11,7	8,3	8,0	7,5	7,7
□ Alg afecções origin no período perinatal	0,6	5,6	10,2	16,5	10,3	7,2	9,0
□ Morte sem assistência médica	3,7	2,0	14,4	6,4	12,3	23,5	5,8
■ Doenças do aparelho	42,9	39,6	20,1	19,5	19,5	14,9	22,2

## Taxa de Mortalidade Infantil - TMI

A taxa de mortalidade infantil estima o risco de óbito dos nascidos vivos antes de completar um ano de vida. É um indicador que reflete as condições sociais, ambientais e políticas de assistência ao pré-natal e ao parto.

Calcula-se a TMI dividindo-se o número de óbitos de menores de um ano pelo número de nascidos vivos X 1000.

Os gestores e os técnicos de saúde devem avaliar muito bem a cobertura dos sistemas SIM (sistema de informações sobre mortalidade) e o SINASC (sistema de informações sobre os nascidos vivos). A baixa qualidade do SINASC implica em TMI elevadas e a baixa qualidade do SIM em TMI muito baixas encobrendo as reais condições de vida na região avaliada.

Vamos observar o que acontece no município Rio Azul.

A população do município é de 20.000 habitantes. A taxa de natalidade esperada é de 12,0 isto que dizer que são esperados 12 nascimentos para cada 1.000 habitantes/ano. A taxa de mortalidade esperada é de 4/ 1.000 habitantes/ano.

Assim são esperados 240 nascimentos e 80 óbitos.

Os sistemas de informação do município no ano de 2005 captaram 240 nascimentos e 40 óbitos na população geral, sendo três de menores de um ano.

$TMI = 3/240 * 1.000 = 12,5$  - o risco de uma criança morrer antes de completar um ano de idade em Rio Azul em 2005 é de 12,5 para cada 1.000 nascidos vivos.

Como a cobertura de óbitos é 50%, a taxa de mortalidade infantil está subestimada.

Se fossem informados 180 nascimentos a TMI seria  $3/180 \times 1.000 = 16,7$ .

Com a cobertura de nascidos vivos de 75% a taxa de mortalidade infantil estaria superestimada.

Na serie histórica apresentada, muitas microrregiões apresentam TMI crescente ao longo do período. É preciso considerar muito todos os dados antes de concluir se o aumento ou diminuição das taxas se deu por melhoria dos sistemas de informação ou resultado de políticas de atenção ao pré-natal, parto e à criança.

A TMI pode também ser avaliada nos componentes Neonatal precoce, Neonatal tardio e Pós-neonatal.

Taxa de Mortalidade Neonatal Precoce- TMNP estima o risco de óbito das crianças de zero a seis dias de vida completos.

Taxa de Mortalidade Neonatal Tardia – TMNT estima o risco de óbito das crianças de 7 a 27 dias de vida completos.

Taxa de Mortalidade Pós-Neonatal – TMPN estima o risco de óbitos das crianças de 28 a 364 dias de vida completos.

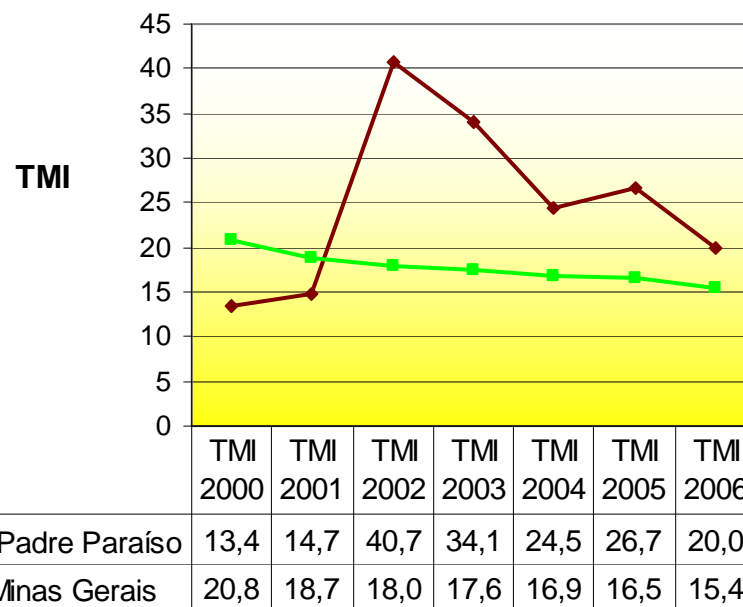
A importância de se avaliar a TMI em seus componentes é que as causas de óbito variam de acordo com a idade da criança, exigindo diferentes ações de planejamento para a adequada assistência.

Por exemplo: as TMNP e TMNT estão relacionadas diretamente com a assistência pré-natal, ao parto e ao recém-nascido, à saúde da mãe e condições de vida. Predominam os óbitos por anomalias congênitas, afecções perinatais e os óbitos relacionados a intercorrências durante a gravidez como doenças hipertensivas e diabetes e durante o parto como traumatismos e anóxia.

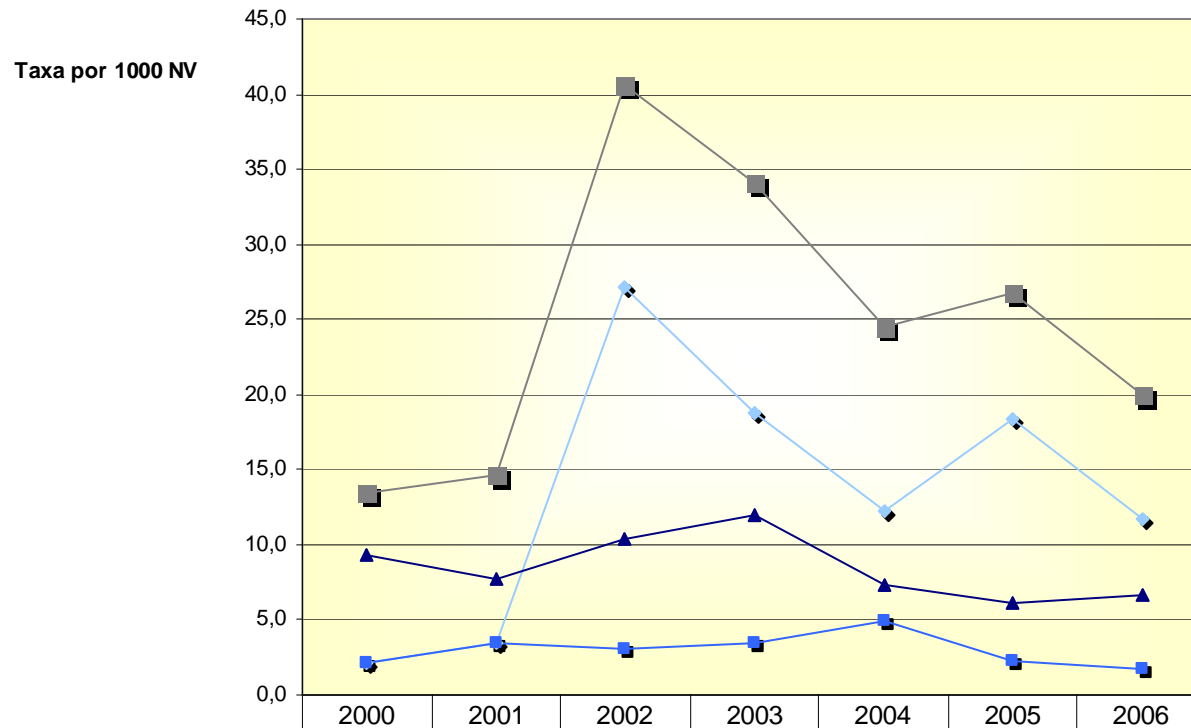
A TMPN está relacionada com condições sócio-econômicas e assistência à criança. Nesta fase são freqüentes os óbitos por problemas respiratórios, as gastroenterites e desnutrição.

Fonte: *Indicadores básicos de saúde no Brasil: conceitos e aplicações. Ripsa –OPS 2002*  
*Pereira, Mauricio G, Epidemiologia Teoria e Prática. Guanabara Koogan 2005*

**Taxa de Mortalidade Infantil, Microrregião  
Padre Paraíso, Minas Gerais 2000 - 2006**

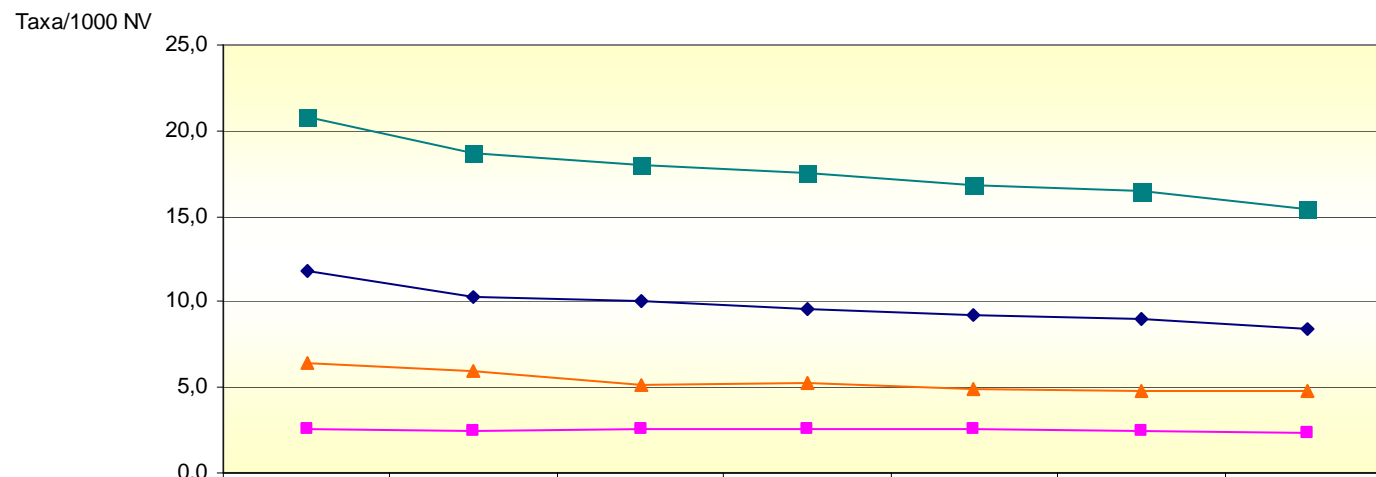


**Taxa de Mortalidade Infantil, Componente Neonatal Precoce, Componente Neonatal Tardia e Componente Pós-neonatal, Microrregião Padre Paraíso, 2000-2006**

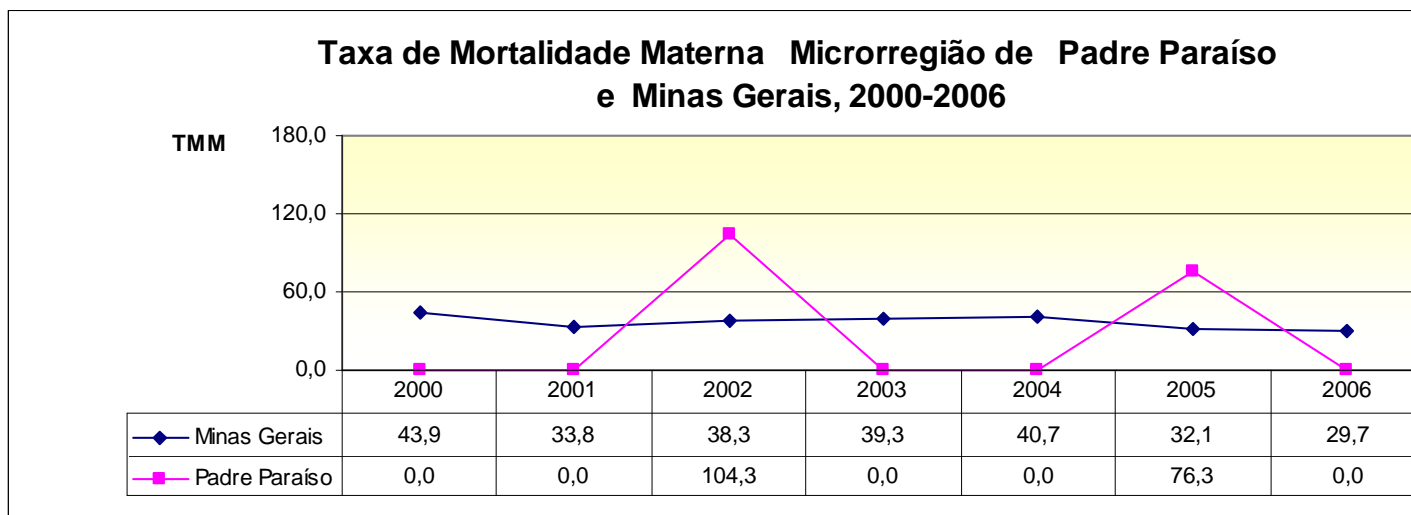


◆ Neonatal precoce	2,1	3,5	27,1	18,8	12,3	18,3	11,7
■ Neonatal tardia	2,1	3,5	3,1	3,4	4,9	2,3	1,7
▲ Pós Neonatal	9,3	7,8	10,4	11,9	7,4	6,1	6,7
■ Mortalidade infantil	13,4	14,7	40,7	34,1	24,5	26,7	20,0

**Taxa de Mortalidade Infantil, componente Neonatal Precoce, Componente Neonatal Tardio e Componente Pós-neonatal, Minas Gerais, 2000-2006**



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
◆ Neonatal precoce	11,7	10,3	10,0	9,6	9,2	9,0	8,4
■ Neonatal tardio	2,6	2,5	2,6	2,5	2,5	2,4	2,3
▲ Pós Neonatal	6,5	6,0	5,1	5,3	4,9	4,8	4,8
■ Mortalidade infantil	20,8	18,7	18,0	17,6	16,9	16,5	15,5



Morte materna, segundo a 10ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CD -10) uma mulher é a " morte de uma mulher durante a gestação ou até 42 dias após o término da gestação, independente a da duração ou da localização da gravidez, em razão de qualquer causa relacionada com ou agravada pela gravidez ou por medidas em relação a ela, porém não em razão de causas acidentais ou incidentais" ( OMS, 1998; CBCD,1999).



## Cenário do câncer em Minas Gerais

Berenice N. Antoniazzi, Thays Aparecida L. D'Alessandro, Renato A. Teixeira

Em 2005, o câncer foi a 2ª causa de mortalidade estadual e como está com tendência crescente continuará sendo uma prioridade de saúde pública nos próximos anos. A taxa bruta de mortalidade foi de 81,89 óbitos por 100.000 habitantes da população mineira.

O câncer representa um grupo de doenças que possuem etiologia e comportamentos diferenciados. Observamos no Modelo de Atenção (**Figura A**), que existem fatores de risco (em destaque) com potencial para modificação (consumo de tabaco, álcool, alimentação inadequada, outros) e por outro lado que alguns tipos de cânceres podem ser suspeitos e detectados precocemente (colo do útero, mama, próstata, cólon/reto, pele, boca). Uma importante estratégia nas políticas públicas é o incentivo à promoção de saúde e no rastreamento da população de risco a esses cânceres, nos níveis básico e secundário de atenção.

O *Programa de Avaliação e Vigilância do Câncer de Minas Gerais* realiza o monitoramento estadual da doença baseado em coeficientes por 100.000 habitantes<sup>1</sup>. A maioria dos municípios mineiros apresenta uma população muito inferior e por esse motivo buscamos uma metodologia<sup>2</sup> mais adequada. As categorias de altíssima e alta prioridade de investigações futura são um alerta aos gestores, devido aos resultados alterados encontrados, observando-se as limitações do estudo.

## Avaliação da mortalidade por câncer nas microrregiões de minas gerais por método de screening <sup>2</sup>

### Metodologia

É um estudo baseado no cálculo da Razão de Mortalidade Padronizada – RMP (ou *Standardized Mortality Ratio - SMR*), método indireto de padronização. As taxas ajustadas por idade podem ser comparadas diretamente, uma vez que elas se referem a uma mesma população de referência. Após a seleção dos cânceres principais, foram realizados os cálculos das RMP e a categorização dos resultados por *screening*, de acordo a metodologia descrita.

### Cânceres selecionados:

Foram definidos os treze tipos mais frequentes do SIM-MG, ano 2005 (**Tabela 1**). A codificação é pela CID-10, Capítulo II, neoplasias malignas. Não foram incluídos os óbitos com idade ignorada, as neoplasias “in situ”, benignas e de comportamento incerto. **Período de avaliação:** 2001 a 2005 (Total de 66.293 óbitos por cânceres selecionados).

\* *Leitura Recomendada*

<sup>1</sup> *Atlas de Mortalidade por Câncer, Minas Gerais e macrorregiões, 1979-2002 – SES-MG, 2007.*

<sup>2</sup> *Cadernos de Saúde Pública, FIOCRUZ/ENSP, v.23, supl.4, RJ, dez.2007 – Metodologia de screening..., Otero UB, Antoniazzi BN, Veiga LHS e colaboradores.*

<sup>3</sup> *6º Informativo da Vigilância do Câncer e seus fatores de risco de Minas Gerais, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, 2008.*

### Cálculo da Razão de Mortalidade Padronizada – RMP (ou SMR)

É o número de mortes observadas / número de mortes esperadas (x 100%). Foi realizado o cálculo para cada microrregião tendo como população de referência, a de Minas Gerais. O número de óbitos esperados foi estimado multiplicando-se a taxa de mortalidade específica da população de referência segundo sexo, faixa etária e período ao número de pessoas por sexo e faixa etária dos municípios de Minas Gerais. Dados relativos à população no ano 2003 (meio do período) foram obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

*Tabela 01: Cânceres Seleccionados, suas codificações pela CID-10 e óbitos Minas Gerais, 2001 a 2005.*

Localização topográfica	CID-10	Óbitos 2001 a 2005
Esôfago	C15	3918
Traquéia, brônquios e pulmão	C33-C34	6815
Estômago	C16	6024
Próstata	C61	4635
Mama Feminina	C50	4092
Cólon, reto e ânus	C18-C21	3804
Meninges, encéfalo e partes do SNC	C70-C72	2935
Fígado e vias biliares intrahepáticas	C22	2738
Leucemias	C91-C95	2523
Colo Uterino	C53	1626
Boca	C00-C10	1635
Tecido Linfático	C81-C85	1751
<b>Subtotal</b>	<b>-----</b>	<b>42496</b>
<b>Todas Neoplasias</b>	<b>C00-C97</b>	<b>66293</b>

Fonte: SIM – MG e CID-10

### Aplicação de Metodologia de screening<sup>2</sup>

Para identificar quais localizações primárias e quais municípios devem ser priorizados em investigações futuras, sendo um sinal de alerta. O resultado da RMP foi categorizado de acordo os seguintes critérios:

Prioridade	Baixa	Média	Alta	Altíssima
RMP:	Menor que 100	Igual ou maior que	Maior que 100	Maior que 200
IC 95% :	não significativo	100 não significativo	Significativo	Significativo

### Limitações do Estudo

As principais limitações do estudo são: a qualidade do sistema de informação analisado (% de causas mal-definidas, dados incorretos, incompletos, erros de codificação, digitação), a dificuldade de trabalhar dados de mortalidade (evento raro) em populações pequenas, não ser possível avaliar cânceres incidentes, mas de baixa mortalidade, como o câncer de pele.

É oportuno lembrar que o estudo de avaliação da RMP teve o objetivo de identificar excessos de óbitos por câncer, ou seja, verificar a existência de valores acima do esperado nos 853 municípios.

### Considerações

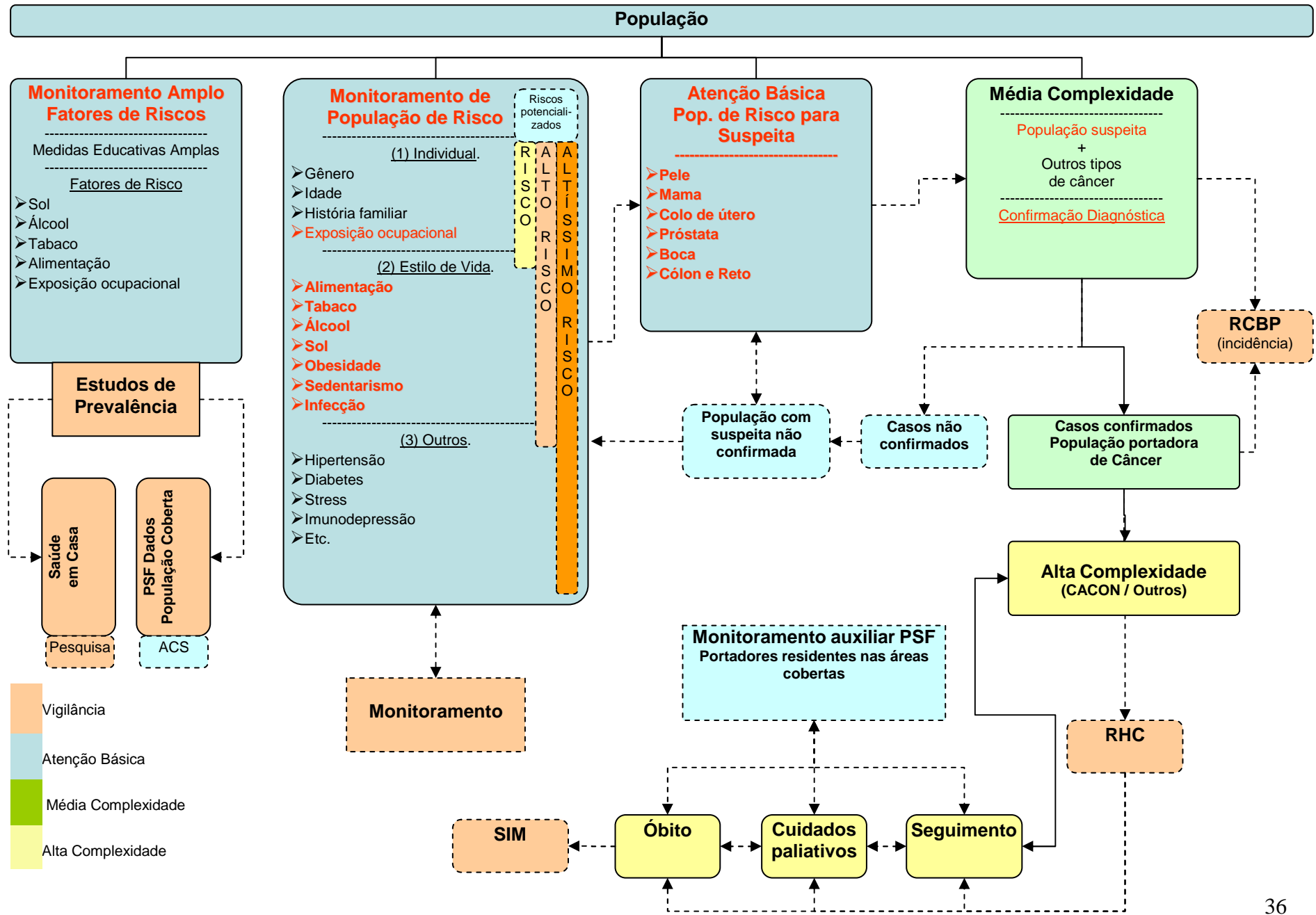
Na presente publicação, foram selecionados os resultados na microrregião, tendo como população de referencia a de Minas Gerais. Outros dados poderão ser obtidos na leitura recomendada.

Razão de Mortalidade Padronizada, por tipo de câncer, com população padrão de Minas Gerais 2003, Microrregião Padre Paraíso, 2001-2005

Razão de Mortalidade proporcional por tipo de câncer	RMP	Erro padrão	IC de 95% para RMP		Prioridade de Investigação
			limite Inferior	Limite superior	
Esôfago	51,8	21,1	10,6	93,2	Baixa
Pulmão	14,4	8,3	-1,9	30,7	Baixa
Estômago	32,6	13,3	6,5	58,7	Baixa
Próstata	17,6	10,2	-2,3	37,5	Baixa
Mama feminina	53,7	21,9	10,7	96,7	Baixa
Cólon e reto	35,0	17,5	0,7	69,3	Baixa
Encéfalo	34,6	20,0	-4,5	73,7	Baixa
Fígado	84,5	31,9	21,9	147,1	Baixa
Leucemias	30,3	21,4	-11,7	72,2	Baixa
Colo uterino	68,2	39,4	-9,0	145,4	Baixa
Boca	42,6	30,1	-16,4	101,6	Baixa
Tecido Linfático	36,6	27,3	-14,9	92,1	Baixa
Todas as neoplasias	40,9	4,5	32,1	49,8	Baixa

Fonte: PAVMG

**FIGURA A - MODELO DE ATENÇÃO AO CÂNCER**



## Morbidade



Usamos as medidas de morbidade (doenças, traumas, lesões e incapacidades) para descrever o comportamento de uma doença em uma comunidade durante um espaço de tempo. Através desta vigilância é possível evitar grandes danos adotando-se medidas de controle e prevenção. Para que essas medidas sejam efetivas, as notificações de doenças e agravos de notificações compulsórias e eventos inusitados devem se dar de forma oportuna.

Apresentamos dados de morbidade de duas fontes: Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN para agravos de notificação compulsória e Sistema de Informações Hospitalares do SUS – SIH SUS para internações hospitalares.

Os dados do SINAN, além da vigilância das doenças e agravos, permitem também avaliar organização dos serviços de saúde nos municípios. Para tanto devemos observar proporção de casos encerrados e semanas silenciosas ou seja, semanas onde não houve suspeita de qualquer agravo de notificação compulsória. O SINAN é regulado pela portaria 5 de 21 de fevereiro de 2006 e pela resolução 580 de janeiro de 2001 que está sendo revisada.

A tabela seguinte mostra os casos notificados e confirmados. Cabe ao gestor avaliar a diferença entre os dois números e considerar algumas hipóteses tais como:

- a) muitos casos são notificados, não são investigados e ficam inconclusivos no banco,
- b) os profissionais de saúde notificantes não estão observando os critérios para suspeita dos casos,
- c) notificação fora do período ideal para coleta de material para exame impedindo a conclusão dos casos,
- d) falta de equipamentos diagnósticos e/ ou falta de acesso á laboratórios de referência.

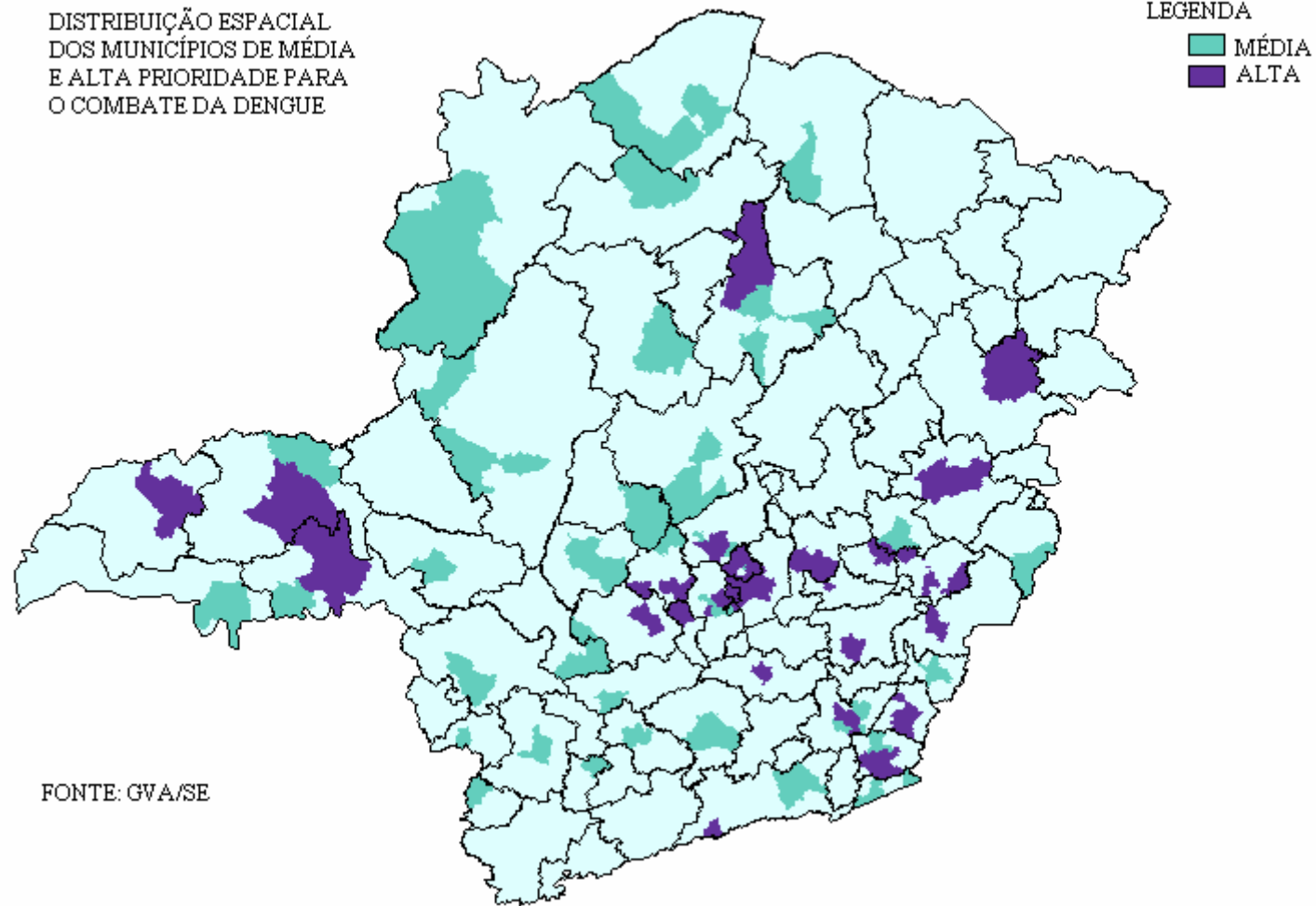
**Freqüência de agravos notificados e confirmados, Microrregião de Padre Paraíso, 2001-2006**

Agravos	2001		2002		2003		2004		2005		2006	
	Notif	Conf	Notif	Conf	Notif	Conf	Notif	Conf	Notif	Conf	Notif	Conf
Acidente por Animais Peçonhentos	108	50	128	51	115	51	113	49	84	45	106	52
Atendimento Anti-Rábico Humano	0	0	8	8	1	1	3	3	15	15	67	67
Dengue	1	0	29	22	192	150	40	24	8	0	31	1
Doenças Exantemáticas	0	0	2	0	0	0	3	0	0	0	6	0
Esquistossomose	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Febre Maculosa	0	0	0	0	1	1	1	0	2	0	0	0
Hantaviroses	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Hepatite Viral	1	1	0	0	1	1	12	8	17	8	85	58
Leishmaniose Tegumentar Americana	3	3	20	20	16	16	9	9	18	18	19	19
Leishmaniose Visceral	0	0	2	1	0	0	1	1	0	0	1	0
Leptospirose	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0
Meningite	5	2	2	0	4	3	4	4	6	3	4	2
Poliomielite / Paralisia Flácida Aguda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sífilis Congênita	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tétano Acidental	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tétano Neonatal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: SINAN/CMD/SE/SESMG/SUS

Nota: Dados sujeitos à alteração

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL  
DOS MUNICÍPIOS DE MÉDIA  
E ALTA PRIORIDADE PARA  
O COMBATE DA DENGUE





## Programa Nacional de Controle de Dengue

O Programa Nacional de Controle da Dengue – PNCD, implantado em todo o território nacional em julho de 2002 e adotado, na mesma época pelo estado de Minas Gerais prevê suas atividades subdivididas em 10 componentes (1- Vigilância Epidemiológica; 2 – Combate ao Vetor; 3 – Assistência ao Paciente; 4 – Integração com atenção básica PACS/PSF; 5 - Ações de Saneamento Ambiental; 6 – Ações Integradas de Educação em Saúde, Comunicação e Mobilização Social; 7 – Capacitação de Recursos Humanos; 8 – Legislação; 9 – Sustentação Político – Social e 10 – Acompanhamento e Avaliação do PNCD) o controle vetorial é de extrema importância e sua avaliação possibilita o acompanhamento do programa nos diversos municípios.

Utilizando o indicador de cobertura de imóveis trabalhados nas atividades de tratamento focal e tratamento de pesquisa vetorial especial, é possível ao gestor acompanhar a evolução das atividades operacionais, que, em última análise possibilita alcançar os objetivos do Programa (manter índices de infestação em valores inferiores a 1% e reduzir a incidência da doença).

As informações contidas neste observatório, a respeito do percentual de imóveis vistoriados na série histórica de 2002 a 2006

**Francisco Leopoldo Lemos**

Gerente Vigilância Ambiental SES/SE/MG

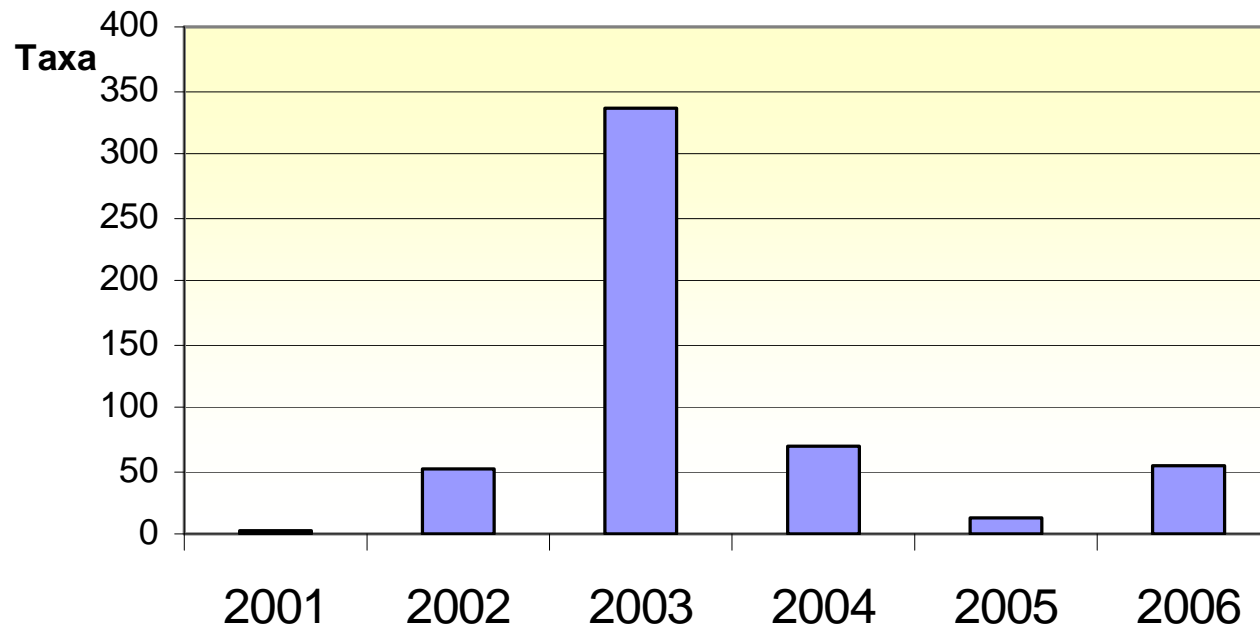
devem ser analisadas em conjunto com os dados de transmissão da doença, esta análise pode evidenciar falta de execução de atividade operacional (municípios com baixa cobertura e alta transmissão), operações de campo de baixa qualidade ou realizadas sem supervisão (alta transmissão com alta cobertura de imóveis).

É importante que o município avalie ainda o nível de pendência, que corresponde aos imóveis fechados e/ou recusados, não resgatados.

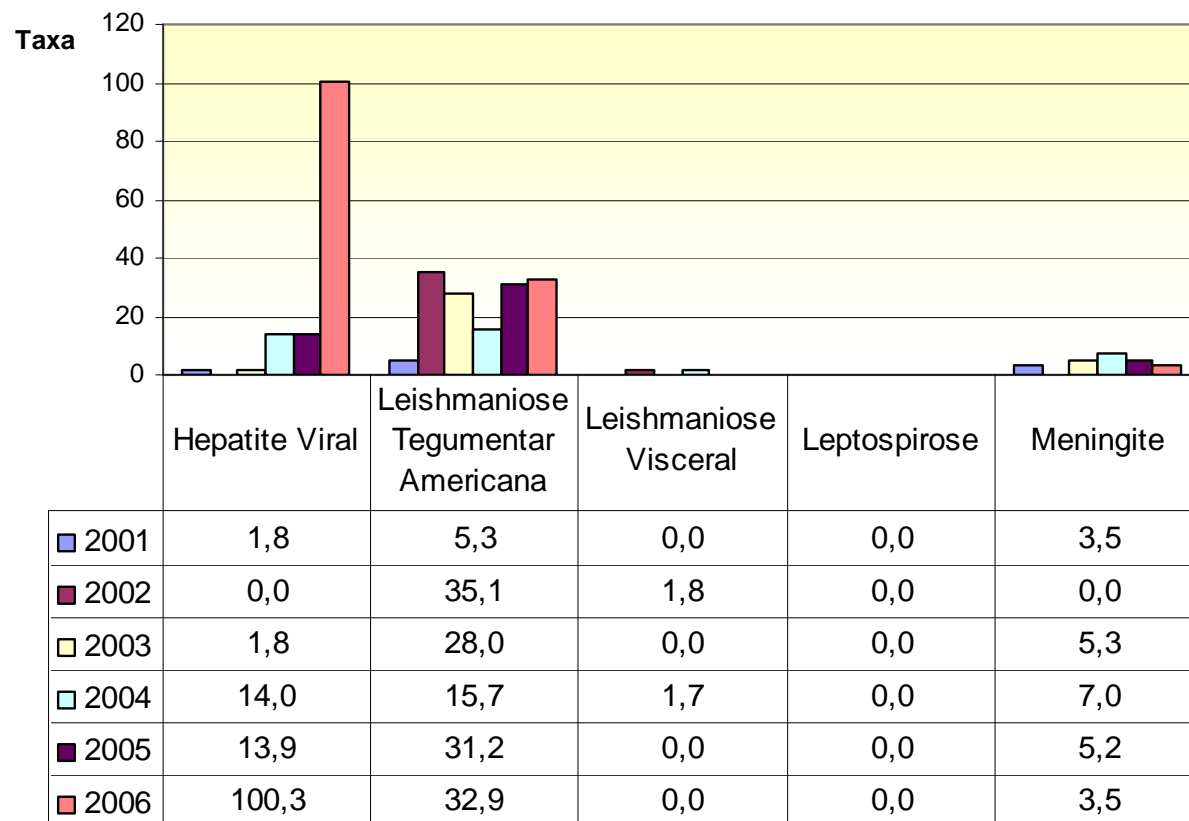
O número de imóveis considerado nos cálculos foi o informado na planilha trimestral de situação do PNCD, este dado é gerado pelos municípios e/ou GRS e podem estar desatualizados promovendo assim coberturas irreais que mascaram a real situação das atividades de campo, portanto há a necessidade da atualização constante da planilha e do Sistema de Localidades – SISLOC.

Outra situação que se verifica é alta cobertura destas atividades em municípios considerados não infestados, sugerindo hipóteses de que estão sendo realizadas atividades desnecessárias ou que não esta ocorrendo a informação correta a cerca da situação entomológica do município

### Taxa de Incidência de Dengue, Microrregião de Padre Paraíso, 2001-2006



### Taxa de Incidência de Agravos Seleccionados, Microrregião de Padre Paraíso, 2001-2006



**Percentual de Imóveis Vistoriados na Atividade de Tratamento Focal <sup>(1)</sup> e Tratamento Vetorial Especial <sup>(2)</sup>  
Microrregião Padre Paraíso e seus municípios 2000 - 2006**

<b>MUNICIPIO</b>	<b>infestação 2006 <sup>(3)</sup></b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Carai	SIM	9,50	11,94	9,84	27,97	34,47
Catuji	SIM	19,00	44,52	20,93	28,01	49,69
Itaipé	SIM	13,05	18,54	5,91	9,47	40,10
Padre Paraíso	SIM	92,49	103,40	83,07	74,06	77,32

Fonte: PCFAD (nº de imóveis por município baseado na planilha trimestral de situação do PNCD 4º trimestre 2006)

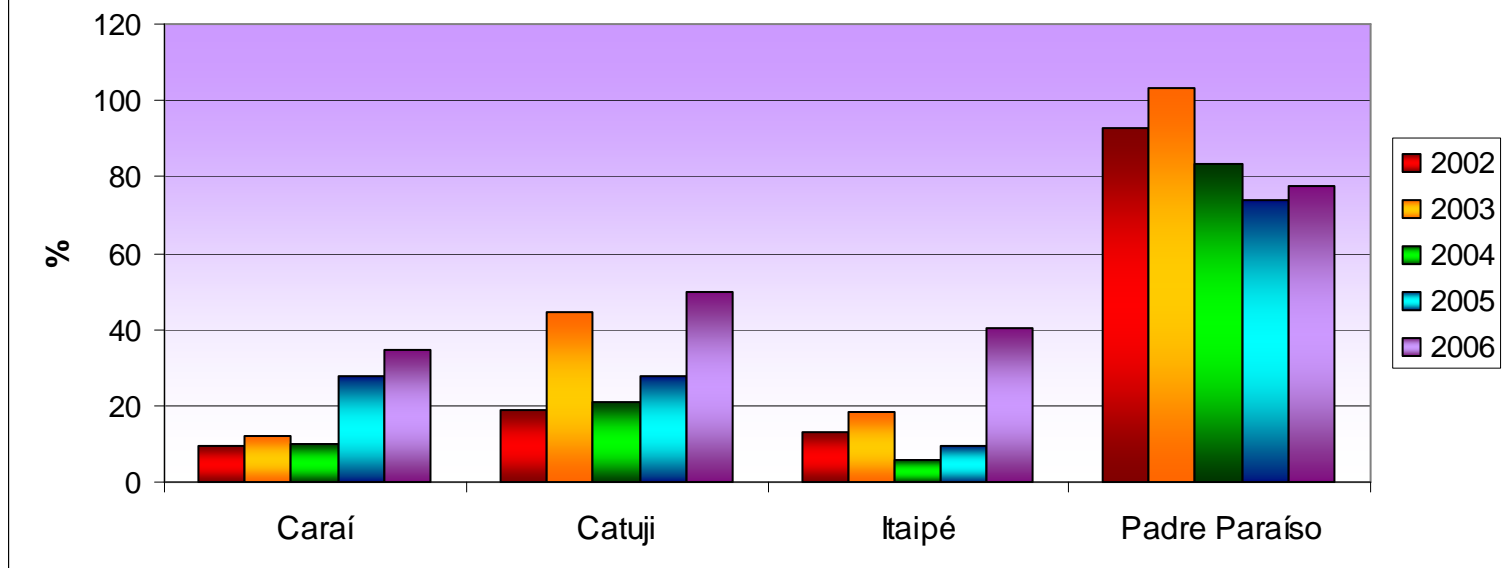
Notas

1 - Tratamento Focal é a visita do imóvel, onde o agente realiza vistoria a fim de eliminar possíveis criadouros de **Aedes**, mecanicamente ou através do emprego de larvicidas autorizados, em depósitos que não possam ser eliminados.

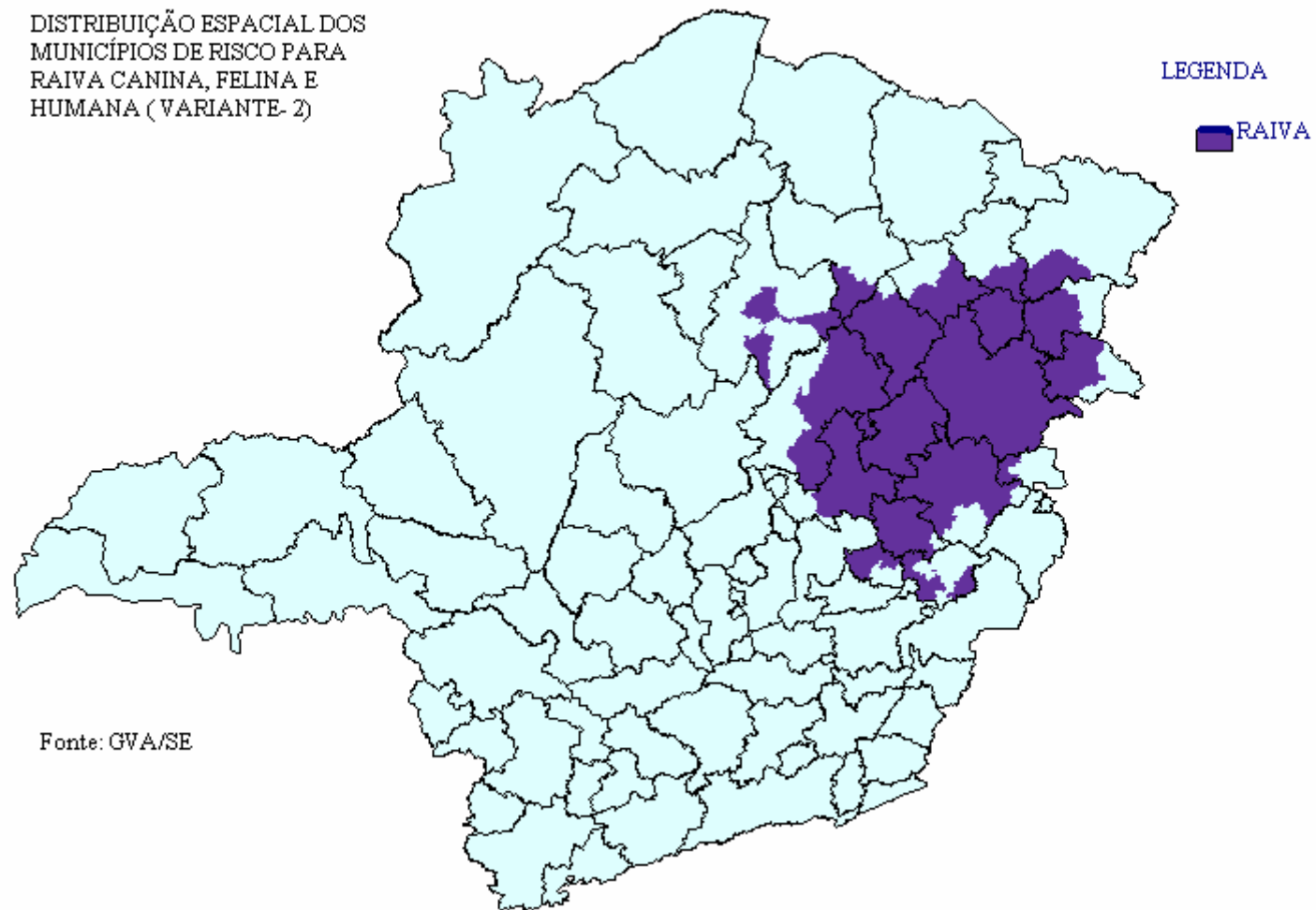
2 - Tratamento Vetorial Especial é aquele realizado durante atividades de bloqueio de casos, atividades de intensificação ou em casos de denúncia de presença de **Aedes** em área não infestada justificando-se a vistoria e tratamento.

3 - Município não infestado é aquele onde não encontramos o **Aedes aegypti** domiciliado, não realiza tratamento focal de 100% de seus domicílios. Para estar nesta categoria deve passar um ano sem que se encontre o vetor em 6 pesquisas bimensais.

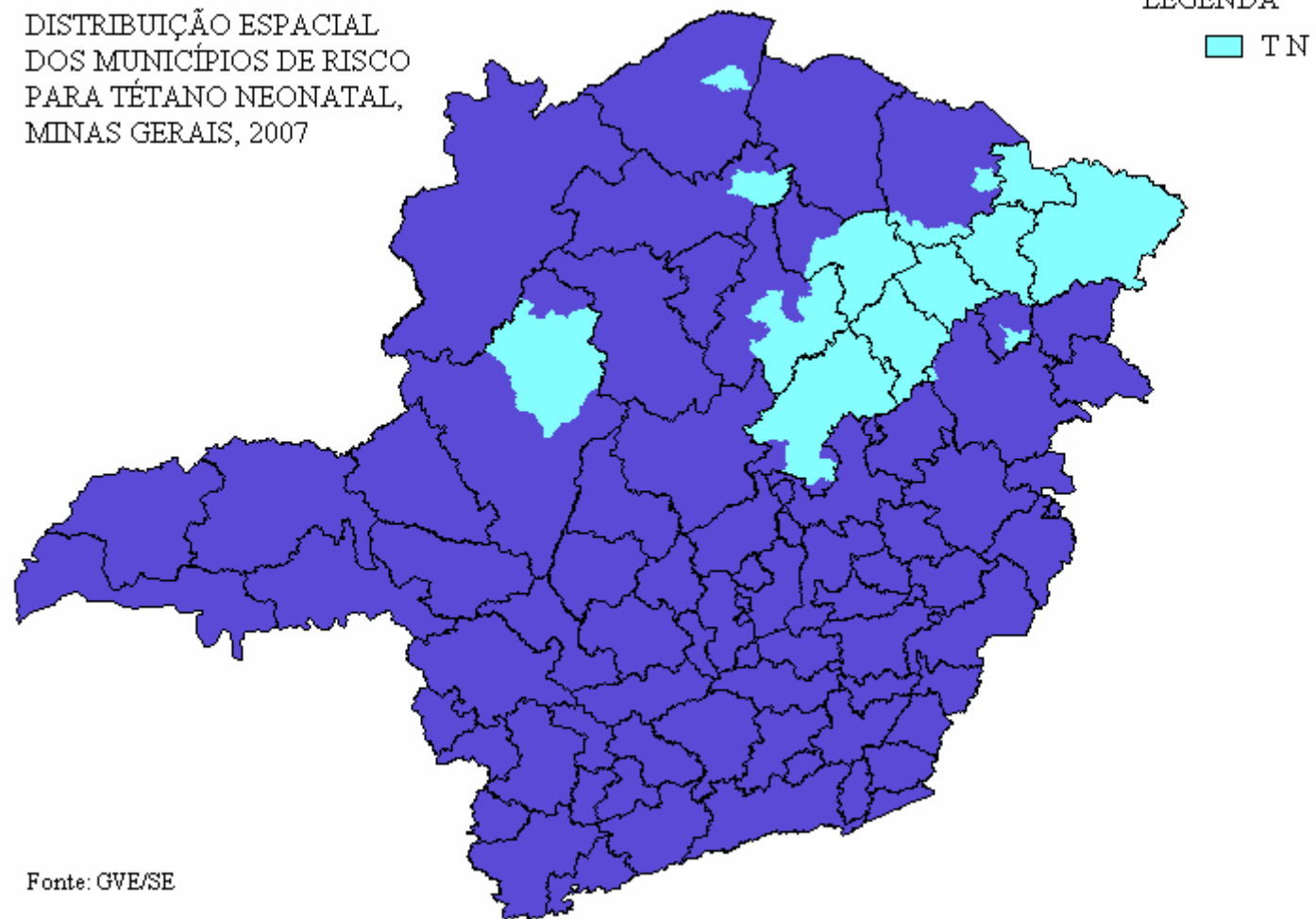
**Percentual de Imóveis vistoriados na Atividade Focal e Tratamento Vetorial Especial, Microrregião de Padre Paraíso, Minas Gerais 2002 - 2006**



DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS  
MUNICÍPIOS DE RISCO PARA  
RAIVA CANINA, FELINA E  
HUMANA ( VARIANTE- 2)



DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL  
DOS MUNICÍPIOS DE RISCO  
PARA TÉTANO NEONATAL,  
MINAS GERAIS, 2007



Fonte: GVE/SE

**Casos Novos de Hanseníase em menores de 15 anos por macrorregião  
Minas Gerais - 2000 a 2006\***

Macrorregião de Saúde	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		Total
	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	Casos Novos	Taxa/ 10000	
Sul	10	0,15	13	0,20	7	0,10	18	0,27	13	0,19	14	0,20	10	0,14	85
Centro Sul	1	0,05	1	0,05	1	0,05	2	0,10	1	0,05	1	0,05	1	0,05	8
Centro	16	0,11	13	0,08	21	0,13	20	0,13	27	0,17	18	0,11	9	0,05	124
Jequitinhonha	5	0,50	0	0,00	1	0,10	0	0,00	0	0,00	1	0,10	0	0,00	7
Oeste	7	0,25	3	0,11	2	0,07	4	0,14	8	0,27	3	0,10	2	0,06	29
Leste	45	1,13	57	1,43	82	2,04	55	1,36	64	1,58	65	1,58	53	1,28	421
Sudeste	4	0,11	1	0,03	1	0,03	8	0,21	5	0,13	1	0,03	2	0,05	22
Norte de Minas	15	0,30	9	0,18	13	0,25	16	0,31	15	0,29	10	0,19	15	0,28	93
Noroeste	18	1,04	9	0,51	12	0,68	23	1,28	40	2,20	27	1,45	6	0,32	135
Leste do Sul	1	0,05	3	0,16	2	0,11	1	0,05	3	0,16	2	0,11	2	0,10	14
Nordeste	22	0,75	14	0,48	14	0,48	24	0,82	19	0,65	15	0,51	19	0,65	127
Triângulo do Sul	3	0,20	3	0,19	4	0,25	0	0,00	4	0,25	1	0,06	2	0,12	17
Triângulo do Norte	16	0,57	14	0,49	10	0,35	5	0,17	7	0,24	7	0,23	6	0,19	65
<b>Minas Gerais</b>	<b>163</b>	<b>0,32</b>	<b>140</b>	<b>0,27</b>	<b>170</b>	<b>0,33</b>	<b>176</b>	<b>0,33</b>	<b>206</b>	<b>0,39</b>	<b>165</b>	<b>0,30</b>	<b>127</b>	<b>0,23</b>	<b>1147</b>

**Fonte: Coordenação Estadual de Dermatologia Sanitária  
SINAN - Hanseníase**

\* Informação do Banco de Dados atualizado em 14/08/2007



**Casos Novos de Hanseníase por Macrorregião Minas Gerais  
Minas Gerais - 2000 a 2006 \***

Macrorregião de Saúde	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		Total
	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	Casos	Taxa/	
	Novos	10.000	Novos	10.000	Novos	10.000	Novos	10.000	Novos	10.000	Novos	10.000	Novos	10.000	
Sul	306	1,27	304	1,24	299	1,21	335	1,34	269	1,06	311	1,2	219	0,83	2043
Centro Sul	26	0,38	22	0,32	40	0,57	28	0,4	18	0,25	19	0,26	21	0,29	174
Centro	487	0,89	435	0,78	591	1,04	510	0,89	424	0,72	364	0,6	326	0,53	3137
Jequitinhonha	45	1,63	25	0,91	17	0,61	17	0,61	28	1	27	0,96	20	0,7	179
Oeste	148	1,41	149	1,4	152	1,41	196	1,79	156	1,41	142	1,25	127	1,1	1070
Leste	615	4,54	589	4,33	876	6,4	701	5,09	785	5,68	664	4,75	557	3,96	4787
Sudeste	155	1,07	108	0,74	139	0,94	178	1,19	182	1,21	159	1,03	134	0,86	1055
Norte de Minas	157	1,07	179	1,21	184	1,23	238	1,58	196	1,29	214	1,39	234	1,5	1402
Noroeste	250	4,34	191	3,27	188	3,19	252	4,23	215	3,57	219	3,55	182	2,92	1497
Leste do Sul	82	1,3	95	1,49	114	1,78	96	1,49	90	1,39	101	1,54	80	1,22	658
Nordeste	204	2,31	218	2,48	218	2,47	272	3,08	265	3	264	2,99	239	2,71	1880
Triângulo do Sul	107	1,81	89	1,49	106	1,75	98	1,6	144	2,32	98	1,54	88	1,36	730
Triângulo do Norte	322	3,06	312	2,91	450	4,13	248	2,24	206	1,84	222	1,92	219	1,86	1979
<b>Minas Gerais</b>	<b>2904</b>	<b>1,62</b>	<b>2716</b>	<b>1,5</b>	<b>3374</b>	<b>1,84</b>	<b>3169</b>	<b>1,71</b>	<b>2978</b>	<b>1,59</b>	<b>2804</b>	<b>1,46</b>	<b>2446</b>	<b>1,26</b>	<b>20391</b>

Fonte: Coordenação Estadual de Dermatologia Sanitária

SINAN - Hanseníase

\* Informação do Banco de Dados atualizado em 14/08/2007

Percentual de deformidade entre os casos novos avaliados quanto ao grau  
de incapacidades físicas por macrorregião Minas Gerais - 2000 A 2006\*

Macrorregião	2000				2001				2002				2003				2004				2005				2006			
	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II	Casos Novos	Avaliado	Grau II	% GI II
Sul	306	306	47	15,4	304	303	41	13,5	299	297	50	16,8	335	335	38	11,3	269	269	33	12,3	311	309	51	16,5	219	214	37	17,3
Centro Sul	26	26	7	26,9	22	22	3	13,6	40	39	8	20,5	28	28	7	25	18	18	4	22,2	19	19	2	10,5	21	21	4	19
Centro	487	483	58	12	435	422	69	16,4	591	570	61	10,7	510	490	58	11,8	424	409	34	8,3	364	332	37	11,1	326	291	29	10
Jequitinhonha	45	45	16	35,6	25	25	10	40	17	17	5	29,4	17	17	4	23,5	28	28	5	17,9	27	27	3	11,1	20	20	4	20
Oeste	148	148	26	17,6	149	149	25	16,8	152	149	29	19,5	196	190	21	11,1	156	151	31	20,5	142	138	17	12,3	127	115	23	20
Leste	615	612	30	4,9	589	585	34	5,8	876	869	56	6,4	701	697	60	8,6	785	775	32	4,1	664	650	37	5,7	557	537	23	4,3
Sudeste	155	153	20	13,1	108	108	13	12	139	138	17	12,3	178	176	22	12,5	182	181	24	13,3	159	155	18	11,6	134	131	17	13
Norte de Minas	157	155	25	16,1	179	175	17	9,7	184	180	14	7,8	238	238	33	13,9	196	192	14	7,3	214	213	22	10,3	234	230	22	9,6
Noroeste	250	247	17	6,9	191	190	9	4,7	188	188	8	4,3	252	249	18	7,2	215	211	16	7,6	219	216	18	8,3	182	177	8	4,5
Leste do Sul	82	81	13	16	95	95	13	13,7	114	113	15	13,3	96	96	9	9,4	90	89	16	18	101	100	11	11	80	80	20	25
Nordeste	204	204	31	15,2	218	217	20	9,2	218	218	24	11	272	272	21	7,7	265	265	17	6,4	264	261	31	11,9	239	232	33	14,2
Triângulo do Sul	107	106	16	15,1	89	88	9	10,2	106	99	10	10,1	98	96	16	16,7	144	143	12	8,4	98	97	13	13,4	88	87	12	13,8
Triângulo do Norte	322	322	24	7,5	312	312	23	7,4	450	450	22	4,9	248	248	16	6,5	206	205	13	6,3	222	220	29	13,2	219	214	22	10,3
Minas Gerais	2904	2888	330	11,4	2716	2691	286	10,6	3374	3327	319	9,6	3169	3132	323	10,3	2978	2936	251	8,5	2804	2737	289	10,6	2446	2349	254	10,8

Fonte: Coordenação Estadual de Dermatologia Sanitária

SINAN - Hanseníase

\* Informação do Banco de Dados atualizado em 14/08/2007

**Casos Novos de Hanseníase em menores de 15 anos microrregião  
Padre Paraíso, Minas Gerais 2000 a 2006\***

<b>ANO</b>	<b>Casos Novos</b>	<b>Taxa/10.000</b>
2000	0	0,00
2001	0	0,00
2002	2	0,95
2003	0	0,00
2004	0	0,00
2005	1	0,47
2006	0	0,00

Fonte:CDS/SES/SESMG/SUS

**Percentual de deformidade entre os casos novos avaliados quanto ao grau  
de incapacidades físicas, Microrregião Padre Paraíso  
Minas Gerais - 2000 A 2006\***

<b>ANO</b>	<b>CASOS NOVOS</b>	<b>AVALIADO</b>	<b>GI II</b>	<b>% GI II</b>
2000	4	4	1	25,0
2001	7	7	1	14,3
2002	8	8	2	25,0
2003	10	10	0	0,0
2004	8	8	0	0,0
2005	29	28	12	42,9
2006	8	8	4	50,0

Fonte: CDS/SE/SESMG/SUS

**Casos Novos de Hanseníase por microrregião  
Padre Paraíso / Minas Gerais 2000 a 2006\***

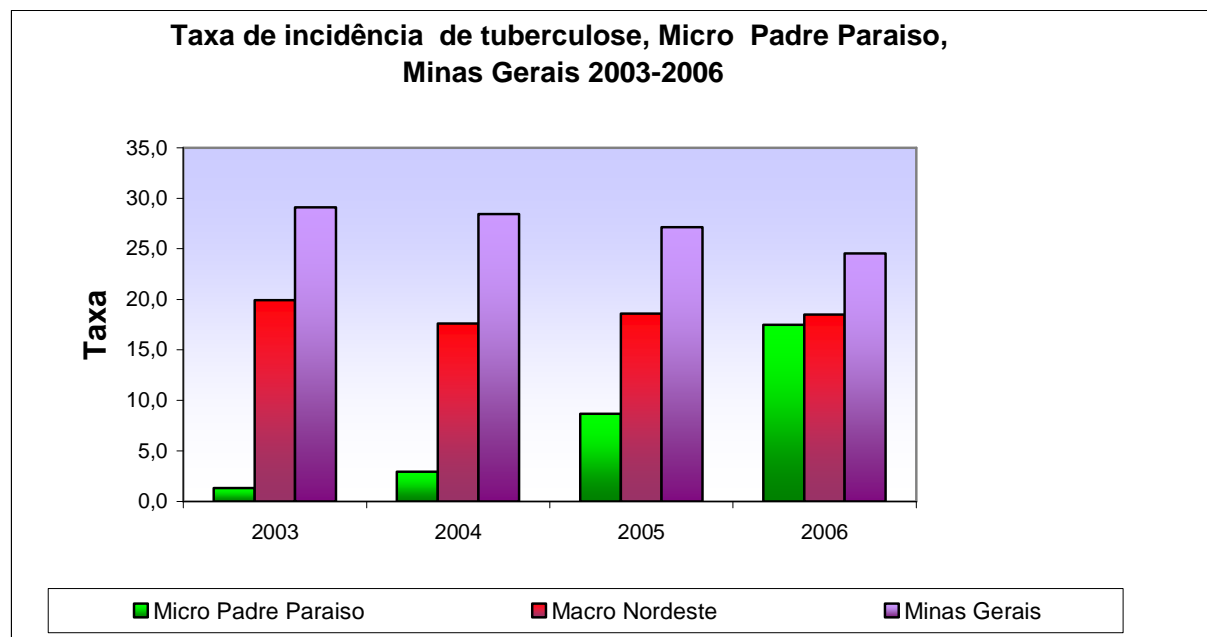
<b>ANO</b>	<b>Casos Novos</b>	<b>Taxa/10.000</b>
<b>2000</b>	<b>4</b>	<b>0,71</b>
<b>2001</b>	<b>7</b>	<b>1,23</b>
<b>2002</b>	<b>8</b>	<b>1,41</b>
<b>2003</b>	<b>10</b>	<b>1,75</b>
<b>2004</b>	<b>8</b>	<b>1,40</b>
<b>2005</b>	<b>29</b>	<b>5,03</b>
<b>2006</b>	<b>8</b>	<b>1,38</b>

Fonte:CDS/SES/SESMG/SUS

**Taxa de incidência de tuberculose, Micro Padre Paraiso,  
Minas Gerais 2003 - 2006**

Região	2003		2004		2005		2006	
	Nº de Casos novos	Taxa de incidência	Nº de Casos novos	Taxa de incidência	Nº de Casos novos	Taxa de incidência	Nº de Casos novos	Taxa de incidência
Micro Padre Paraiso	19	33,3	17	29,7	19	33,0	27	46,7
Macro Nordeste	392	44,4	384	43,5	331	37,5	316	35,8
Minas Gerais	5400	29,1	5333	28,4	5223	27,2	4784	24,6

Fonte: SINAN-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS



Fonte: SINAN-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Série histórica da frequência de casos novos de tuberculose com todas as formas diagnosticadas,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2001 - 2006**

UF/Macro/Micro	2001		2002		2003		2004		2005		2006	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Águas Formosas	3	4,6	33	50,0	35	53,4	63	96,9	38	59,3	15	23,6
Almenara	0	0,0	63	36,3	67	38,6	59	33,9	69	39,5	58	33,1
Araçuaí	1	1,1	42	47,5	52	58,7	38	42,9	28	31,5	31	35,1
Itaobim	0	0,0	27	34,6	16	20,4	18	22,9	15	19,0	24	30,2
Nanuque	0	0,0	33	46,6	44	62,6	29	41,5	26	37,8	40	58,6
Padre Paraíso	2	3,5	18	31,6	19	33,3	17	29,7	23	39,9	27	46,7
Pedra Azul	0	0,0	16	32,3	15	30,0	11	21,9	14	27,4	16	31,0
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	3	1,0	130	43,5	135	45,2	133	44,6	97	32,6	105	35,4
Macro Nordeste	11	1,3	375	42,5	400	45,3	392	44,4	336	38,1	316	35,8
Minas Gerais	1213	6,7	5430	29,6	5550	29,9	5526	29,5	5323	27,7	4817	24,7

Fonte: SINAN-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Série histórica da frequência de casos novos de tuberculose com baciloscopia positiva diagnosticadas,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2001 - 2006**

Micro/Macro/UF	2001		2002		2003		2004		2005		2006	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Águas Formosas	1	1,5	30	45,5	28	42,8	57	87,6	27	42,1	13	20,5
Almenara	0	0,0	33	19,0	40	23,0	32	18,4	35	20,0	35	20,0
Araçuaí	1	1,1	19	21,5	36	40,6	21	23,7	20	22,5	21	23,7
Itaobim	0	0,0	17	21,8	4	5,1	5	6,4	7	8,8	12	15,1
Nanuque	0	0,0	29	41,0	41	58,3	22	31,5	18	26,2	35	51,3
Padre Paraíso	2	3,5	15	26,4	14	24,5	12	21,0	15	26,0	20	34,6
Pedra Azul	0	0,0	11	22,2	8	16,0	5	9,9	8	15,7	10	19,4
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	3	1,0	90	30,1	88	29,5	96	32,2	55	18,5	80	26,9
Macro Nordeste	9	1,03	250	28,34	266	30,16	256	29,03	200	22,68	226	25,6
Minas Gerais	564	3,1	2804	15,3	2867	15,5	2934	15,6	2827	14,7	2577	13,2

Fonte: SINAN-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2002.**

Micro/Macro/UF	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	6	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	6	100,00	6
Almenara	10	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	10	100,00	10
Araçuaí	1	25,00	1	25,00	1	25,00	0	0,00	3	75,00	4
Itaobim	3	50,00	0	0,00	1	16,67	2	33,33	6	100,00	6
Nanuque	7	87,50	0	0,00	0	0,00	1	12,50	8	100,00	8
Padre Paraíso	4	80,00	1	20,00	0	0,00	0	0,00	5	100,00	5
Pedra Azul	2	66,67	1	33,33	0	0,00	0	0,00	3	100,00	3
Teófilo Otoni/Malac/Itambacuri	19	90,48	0	0,00	1	4,76	0	0,00	20	95,24	21
Macro Nordeste	53	81,54	3	4,62	4	6,15	3	4,62	63	96,92	65
Minas Gerais	765	69,93	131	11,97	78	7,13	45	4,11	1019	93,14	1094

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS



**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2003.**

Micro/Macro/UF	Cura		Abandono		Óbitos		Transferência		TB Multiresistente		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	27	84,38	1	3,13	3	9,38	1	3,13	0	0,00	32
Almenara	36	85,71	3	7,14	2	4,76	1	2,38	0	0,00	42
Araçuaí	16	76,19	3	14,29	1	4,76	1	4,76	0	0,00	21
Itaobim	9	81,82	1	9,09	1	9,09	0	0,00	0	0,00	11
Nanuque	17	77,27	3	13,64	0	0,00	2	9,09	0	0,00	22
Padre Paraíso	11	84,62	1	7,69	1	7,69	0	0,00	0	0,00	13
Pedra Azul	7	87,50	0	0,00	1	12,50	0	0,00	0	0,00	8
Teófilo Otoni/Malac/Itambacuri	76	81,72	3	3,23	7	7,53	2	2,15	1	1,08	93
Macro Nordeste	204	82,26	15	6,05	16	6,45	7	2,82	1	0,40	248
Minas Gerais	2032	73,33	254	9,17	152	5,49	118	4,26	1	0,04	2771

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2004.**

Região	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	25	86,21	2	6,90	2	6,90	0	0,00	29	100,00	29
Almenara	25	92,59	0	0,00	1	3,70	1	3,70	27	100,00	27
Araçuaí	35	92,11	0	0,00	2	5,26	1	2,63	38	100,00	38
Itaobim	2	66,67	1	33,33	0	0,00	0	0,00	3	100,00	3
Nanuque	33	76,74	6	13,95	2	4,65	1	2,33	42	97,67	43
Padre Paraíso	14	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	14	100,00	14
Pedra Azul	7	77,78	2	22,22	0	0,00	0	0,00	9	100,00	9
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	72	82,76	7	8,05	7	8,05	0	0,00	86	98,85	87
Macro Nordeste	216	84,71	18	7,06	16	6,27	3	1,18	253	99,22	255
Minas Gerais	1891	68,42	277	10,02	181	6,55	160	5,79	2509	90,77	2764

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregião, Minas Gerais, 2005.**

Região	Cura		abandono		óbito		transferência		TB multiresistente		encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Águas Formosas	44	77,19	6	10,53	3	5,26	1	1,75	0	0,00	54	94,74	57
Almenara	10	33,33	5	16,67	1	3,33	2	6,67	0	0,00	18	60,00	30
Araçuaí	14	82,35	1	5,88	1	5,88	0	0,00	0	0,00	16	94,12	17
Itaobim	1	14,29	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	14,29	7
Nanuque	10	52,63	2	10,53	2	10,53	0	0,00	0	0,00	14	73,68	19
Padre Paraíso	7	70,00	0	0,00	1	10,00	1	10,00	0	0,00	9	90,00	10
Pedra Azul	1	33,33	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	33,33	3
T.Otoni/Malac./Itamb.	60	73,17	10	12,20	6	7,32	2	2,44	0	0,00	78	95,12	82
Patos de Minas	26	86,67	1	3,33	2	6,67	1	3,33	0	0,00	30	100,00	30
Unaí	8	38,10	1	4,76	2	9,52	0	0,00	0	0,00	11	52,38	21
Macro Nordeste	156	66,667	24	10,26	15	6,4103	7	2,99	0	0,00	202	86,32	234
Minas Gerais	1831	63,69	247	8,59	170	5,91	206	7,17	2	0,07	2456	85,43	2875

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2006.**

Micro/Macro /UF	Cura		Abandono		Óbitos		Transferência		TB Multiresistente		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	14	66,67	1	4,76	4	19,05	2	9,52	0	0,00	21
Almenara	28	70,00	7	17,50	4	10,00	1	2,50	0	0,00	40
Araçuaí	17	70,83	3	12,50	2	8,33	2	8,33	0	0,00	24
Itaobim	11	91,67	1	8,33	0	0,00	0	0,00	0	0,00	12
Nanuque	15	71,43	1	4,76	2	9,52	1	4,76	0	0,00	21
Padre Paraíso	11	73,33	0	0,00	3	20,00	0	0,00	0	0,00	15
Pedra Azul	7	87,50	1	12,50	0	0,00	0	0,00	0	0,00	8
Teófilo Otoni/Malac/Itambacuri	60	81,08	7	9,46	2	2,70	4	5,41	0	0,00	74
Macro Nordeste	163	75,81	21	9,77	17	7,91	10	4,65	0	0,00	215
Minas Gerais	1943	70,22	234	8,46	172	6,22	192	6,94	1	0,04	2767

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com todas as formas na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2002.**

Micro/Macro/UF	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	6	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	100,0	6
Almenara	10	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	10	100,0	10
Araçuaí	1	25,0	1	25,0	1	25,0	0	0,0	3	75,0	4
Itaobim	3	50,0	0	0,0	1	16,7	2	33,3	6	100,0	6
Nanuque	7	87,5	0	0,0	0	0,0	1	12,5	8	100,0	8
Padre Paraíso	4	80,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0	5
Pedra Azul	2	66,7	1	33,3	0	0,0	0	0,0	3	100,0	3
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	19	90,5	0	0,0	1	4,8	0	0,0	20	95,2	21
Macro Nordeste	53	81,5	3	4,6	4	6,2	3	4,6	63	96,9	65
Minas Gerais	771	69,8	132	12,0	80	7,2	45	4,1	1028	93,1	1104

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com todas as formas na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2003.**

Micro/Macro/UF	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		TB Multiresistente		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	27	84,4	1	3,1	3	9,4	1	3,1	0	0,0	31	96,9	32
Almenara	36	83,7	3	7,0	3	7,0	1	2,3	0	0,0	42	97,7	43
Araçuaí	16	76,2	3	14,3	1	4,8	1	4,8	0	0,0	20	95,2	21
Itaobim	9	81,8	1	9,1	1	9,1	0	0,0	0	0,0	11	100,0	11
Nanuque	17	77,3	3	13,6	0	0,0	2	9,1	0	0,0	20	90,9	22
Padre Paraíso	11	84,6	1	7,7	1	7,7	0	0,0	0	0,0	13	100,0	13
Pedra Azul	7	87,5	0	0,0	1	12,5	0	0,0	0	0,0	8	100,0	8
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	77	81,9	3	3,2	7	7,4	2	2,1	1	1,1	88	93,6	94
Macro Nordeste	205	82,0	15	6,0	17	6,8	7	2,8	1	0,4	245	98,0	250
Minas Gerais	2047	73,0	262	9,3	157	5,6	118	4,2	1	0,0	2467	87,9	2806

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com baciloscopia positiva na coorte,  
Macrorregião Nordeste, Microrregiões, Minas Gerais, 2004.**

Região	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº
Águas Formosas	25	86,21	2	6,90	2	6,90	0	0,00	29	100,00	29
Almenara	25	92,59	0	0,00	1	3,70	1	3,70	27	100,00	27
Araçuaí	35	92,11	0	0,00	2	5,26	1	2,63	38	100,00	38
Itaobim	2	66,67	1	33,33	0	0,00	0	0,00	3	100,00	3
Nanuque	33	76,74	6	13,95	2	4,65	1	2,33	42	97,67	43
Padre Paraíso	14	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	14	100,00	14
Pedra Azul	7	77,78	2	22,22	0	0,00	0	0,00	9	100,00	9
Teófilo Otoni/Malacacheta/Itambacuri	72	82,76	7	8,05	7	8,05	0	0,00	86	98,85	87
Macro Nordeste	216	84,71	18	7,06	16	6,27	3	1,18	253	99,22	255
Minas Gerais	1891	68,42	277	10,02	181	6,55	160	5,79	2509	90,77	2764

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com todas as formas na coorte,  
Macrocorregião Nordeste, Microrregião, Minas Gerais, 2005.**

Micro/ Macro/ UF	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		TB Multiresistente		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Águas Formosas	49	79,0	6	9,7	3	4,8	1	1,6	0	0,0	59	95,2	62
Almenara	18	32,7	7	12,7	3	5,5	2	3,6	0	0,0	30	54,5	55
Araçuaí	28	90,3	1	3,2	1	3,2	0	0,0	0	0,0	30	96,8	31
Itaobim	6	33,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	33,3	18
Nanuque	13	50,0	4	15,4	2	7,7	0	0,0	0	0,0	19	73,1	26
Padre Paraíso	8	61,5	1	7,7	2	15,4	1	7,7	0	0,0	12	92,3	13
Pedra Azul	6	66,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	66,7	9
T.Otoni/Malac./Itambacuri	90	74,4	12	9,9	9	7,4	3	2,5	0	0,0	114	94,2	121
Macro Nordeste	157	66,8	24	10,2	15	6,4	7	3,0	0	0,0	203	86,4	235
Minas Gerais	3252	61,3	423	8,0	393	7,4	357	6,7	2	0,0	4427	83,5	5301

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS

**Situação de encerramento dos casos novos de tuberculose, com todas as formas na coorte,  
Macroregião Nordeste, Microrregiões Minas Gerais, 2006.**

Micro/Macro/UF	Cura		Abandono		Óbito		Transferência		TB Multiresistente		Encerramento		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Águas Formosas	18	29,0	2	3,2	5	8,1	3	4,8	0	0,0	28	45,2	62
Almenara	48	87,3	10	18,2	6	10,9	5	9,1	0	0,0	69	125,5	55
Araçuaí	20	64,5	4	12,9	4	12,9	2	6,5	0	0,0	30	96,8	31
Itaobim	15	83,3	3	16,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	18	100,0	18
Nanuque	18	69,2	2	7,7	2	7,7	1	3,8	0	0,0	23	88,5	26
Padre Paraíso	15	115,4	0	0,0	6	46,2	0	0,0	0	0,0	21	161,5	13
Pedra Azul	11	122,2	2	22,2	1	11,1	0	0,0	0	0,0	14	155,6	9
T.Otoni/Malac./Itambacuri	77	63,6	8	6,6	3	2,5	3	2,5	0	0,0	91	75,2	121
Macro Nordeste	222	94,5	31	13,2	27	11,5	14	6,0	0	0,0	294	125,1	235
Minas Gerais	2817	53,1	340	6,4	324	6,1	272	5,1	1	0,0	3754	70,8	5301

Fonte: SINANW-TBC/CEPS-SE/SES-MG/SUS



**Freqüência de casos diagnósticos de AIDS, Minas Gerais 2000-2006**

Região	Ano do diagnóstico						
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Microrregião Padre Paraiso	6	11	0	4	5	4	10
Macrorregião Nordeste	41	38	27	43	38	45	54
Minas Gerais	1615	1590	1825	1961	1561	1659	1222

Fonte: Coordenadoria Estadual DST/ AIDS/ MG-SUS

**Incidência de casos de AIDS por 100.000 habitantes, Microrregião Padre Paraiso, Minas Gerais 2000 a 2006**

Região	Incidência por 100.000 habitantes						
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Micro Padre Paraiso	10,6	19,4	0,0	7,0	8,7	6,9	17,3
Macro Nordeste	4,5	1,1	0,0	3,4	0,0	1,1	1,1
Minas Gerais	9,0	8,8	9,9	10,6	8,1	8,6	6,3

Fonte: Coordenadoria DST/SES/ MG-SUS

**Frequência e proporção de internações hospitalares pelo SUS, por grupo de causas, sexo feminino,  
Microrregião de Resplendor, janeiro de 2000 a junho de 2007**

Cap cid 10	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	311	7,7	331	8,3	306	7,9	541	14,2	203	6,5	130	4,2	111	3,9	68	4,4
II. Neoplasias (tumores)	27	0,7	28	0,7	129	3,3	90	2,4	96	3,1	128	4,1	113	4,0	79	5,1
III. Doenças sangue órgãos hemat e transt imunitár	39	1,0	40	1,0	21	0,5	26	0,7	31	1,0	36	1,2	26	0,9	14	0,9
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	151	3,7	131	3,3	150	3,9	136	3,6	77	2,5	82	2,6	67	2,4	49	3,2
V. Transtornos mentais e comportamentais	25	0,6	22	0,5	24	0,6	21	0,6	15	0,5	28	0,9	25	0,9	11	0,7
VI. Doenças do sistema nervoso	81	2,0	86	2,1	35	0,9	33	0,9	20	0,6	20	0,6	16	0,6	7	0,5
VII. Doenças do olho e anexos	3	0,1	3	0,1	1	0,0	6	0,2	0	0,0	5	0,2	3	0,1	2	0,1
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	2	0,0	1	0,0	1	0,0	2	0,1	1	0,0	0	0,0	1	0,0	0	0,0
IX. Doenças do aparelho circulatório	451	11,1	436	10,9	472	12,2	425	11,2	282	9,0	289	9,3	247	8,7	148	9,6
X. Doenças do aparelho respiratório	1036	25,6	876	21,9	818	21,1	776	20,4	551	17,7	544	17,4	561	19,7	350	22,6
XI. Doenças do aparelho digestivo	268	6,6	283	7,1	236	6,1	185	4,9	164	5,3	289	9,3	249	8,7	127	8,2
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	26	0,6	29	0,7	12	0,3	21	0,6	93	3,0	51	1,6	43	1,5	5	0,3
XIII. Doenças sist osteomuscular e tec conjuntivo	72	1,8	88	2,2	77	2,0	56	1,5	71	2,3	40	1,3	37	1,3	24	1,6
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	315	7,8	359	9,0	369	9,5	274	7,2	149	4,8	114	3,7	147	5,2	91	5,9
XV. Gravidez parto e puerpério	977	24,1	1003	25,0	1029	26,5	1083	28,4	1063	34,1	1037	33,2	841	29,6	461	29,8
XVI. Algumas afec originadas no período perinatal	105	2,6	93	2,3	32	0,8	24	0,6	119	3,8	113	3,6	110	3,9	20	1,3
XVII. Malf cong deformid e anomalias cromossômicas	19	0,5	7	0,2	14	0,4	9	0,2	8	0,3	5	0,2	12	0,4	2	0,1
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clín e laborat	14	0,3	74	1,8	51	1,3	25	0,7	86	2,8	119	3,8	128	4,5	38	2,5
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	108	2,7	95	2,4	95	2,4	69	1,8	87	2,8	85	2,7	106	3,7	50	3,2
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	19	0,5	18	0,4	9	0,2	2	0,1	0	0,0	3	0,1	2	0,1	0	0,0
XXI. Contatos com serviços de saúde	4	0,1	6	0,1	2	0,1	3	0,1	5	0,2	1	0,0	1	0,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>4053</b>	<b>100,0</b>	<b>4009</b>	<b>100,0</b>	<b>3883</b>	<b>100,0</b>	<b>3807</b>	<b>100,0</b>	<b>3121</b>	<b>100,0</b>	<b>3119</b>	<b>100,0</b>	<b>2846</b>	<b>100,0</b>	<b>1546</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SIH/ DATASUS/CMDE/SE/SESMG/SUS

**Freqüência e proporção de internações hospitalares pelo SUS, por grupo de causas, sexo masculino,  
Microrregião de Resplendor, janeiro de 2000 a junho de 2007**

Cap cid 10	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	293	10,5	374	13,5	338	12,6	527	22,1	251	12,7	159	7,9	179	8,9	66	5,7
II. Neoplasias (tumores)	51	1,8	25	0,9	48	1,8	61	2,6	54	2,7	42	2,1	59	2,9	46	3,9
III. Doenças sangue órgãos hemat e transt imunitár	22	0,8	21	0,8	27	1,0	24	1,0	24	1,2	22	1,1	8	0,4	12	1,0
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	91	3,3	90	3,2	85	3,2	62	2,6	85	4,3	91	4,5	94	4,7	50	4,3
V. Transtornos mentais e comportamentais	70	2,5	51	1,8	19	0,7	21	0,9	21	1,1	13	0,6	20	1,0	13	1,1
VI. Doenças do sistema nervoso	106	3,8	88	3,2	48	1,8	23	1,0	24	1,2	22	1,1	23	1,1	17	1,5
VII. Doenças do olho e anexos	11	0,4	3	0,1	5	0,2	8	0,3	5	0,3	5	0,2	3	0,1	3	0,3
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	0	0,0	1	0,0	3	0,1	2	0,1	1	0,1	1	0,0	0	0,0	0	0,0
IX. Doenças do aparelho circulatório	312	11,2	314	11,3	411	15,4	336	14,1	244	12,4	268	13,3	233	11,6	161	13,8
X. Doenças do aparelho respiratório	912	32,7	842	30,3	919	34,4	711	29,8	538	27,3	521	25,8	507	25,2	363	31,1
XI. Doenças do aparelho digestivo	306	11,0	344	12,4	285	10,7	199	8,3	198	10,0	277	13,7	276	13,7	157	13,5
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	27	1,0	23	0,8	20	0,7	20	0,8	57	2,9	29	1,4	38	1,9	5	0,4
XIII. Doenças sist osteomuscular e tec conjuntivo	64	2,3	83	3,0	72	2,7	61	2,6	49	2,5	46	2,3	47	2,3	36	3,1
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	138	4,9	164	5,9	136	5,1	141	5,9	72	3,7	90	4,5	79	3,9	53	4,5
XVI. Algumas afec originadas no período perinatal	114	4,1	129	4,6	36	1,3	27	1,1	129	6,5	165	8,2	153	7,6	40	3,4
XVII. Malf cong deformid e anomalias cromossômicas	10	0,4	10	0,4	12	0,4	11	0,5	16	0,8	8	0,4	15	0,7	10	0,9
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clín e laborat	15	0,5	36	1,3	17	0,6	9	0,4	65	3,3	76	3,8	80	4,0	27	2,3
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	201	7,2	137	4,9	173	6,5	141	5,9	136	6,9	181	9,0	191	9,5	106	9,1
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	36	1,3	34	1,2	15	0,6	1	0,0	2	0,1	0	0,0	1	0,0	0	0,0
XXI. Contatos com serviços de saúde	14	0,5	7	0,3	3	0,1	1	0,0	1	0,1	0	0,0	2	0,1	2	0,2
<b>Total</b>	<b>2793</b>	<b>100,0</b>	<b>2776</b>	<b>100,0</b>	<b>2672</b>	<b>100,0</b>	<b>2386</b>	<b>100,0</b>	<b>1972</b>	<b>100,0</b>	<b>2016</b>	<b>100,0</b>	<b>2008</b>	<b>100,0</b>	<b>1167</b>	<b>100,0</b>

Fonte:SIH/ DATASUS/CMDE/SE/SESMG/SUS

**Freqüência e proporção de internações hospitalares pelo SUS, por grupo de causas,  
Microrregião de Resplendor, janeiro de 2000 a junho de 2007**

Cap cid 10	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	604	8,8	705	10,4	644	9,8	1068	17,2	454	8,9	289	5,6	290	6,0	134	4,9
II. Neoplasias (tumores)	78	1,1	53	0,8	177	2,7	151	2,4	150	2,9	170	3,3	172	3,5	125	4,6
III. Doenças sangue órgãos hemat e transt imunitár	61	0,9	61	0,9	48	0,7	50	0,8	55	1,1	58	1,1	34	0,7	26	1,0
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	242	3,5	221	3,3	235	3,6	198	3,2	162	3,2	173	3,4	161	3,3	99	3,6
V. Transtornos mentais e comportamentais	95	1,4	73	1,1	43	0,7	42	0,7	36	0,7	41	0,8	45	0,9	24	0,9
VI. Doenças do sistema nervoso	187	2,7	174	2,6	83	1,3	56	0,9	44	0,9	42	0,8	39	0,8	24	0,9
VII. Doenças do olho e anexos	14	0,2	6	0,1	6	0,1	14	0,2	5	0,1	10	0,2	6	0,1	5	0,2
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	2	0,0	2	0,0	4	0,1	4	0,1	2	0,0	1	0,0	1	0,0	0	0,0
IX. Doenças do aparelho circulatório	763	11,1	750	11,1	883	13,5	761	12,3	526	10,3	557	10,8	480	9,9	309	11,4
X. Doenças do aparelho respiratório	1948	28,5	1718	25,3	1737	26,5	1487	24,0	1089	21,4	1065	20,7	1068	22,0	713	26,3
XI. Doenças do aparelho digestivo	574	8,4	627	9,2	521	7,9	384	6,2	362	7,1	566	11,0	525	10,8	284	10,5
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	53	0,8	52	0,8	32	0,5	41	0,7	150	2,9	80	1,6	81	1,7	10	0,4
XIII. Doenças sist osteomuscular e tec conjuntivo	136	2,0	171	2,5	149	2,3	117	1,9	120	2,4	86	1,7	84	1,7	60	2,2
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	453	6,6	523	7,7	505	7,7	415	6,7	221	4,3	204	4,0	226	4,7	144	5,3
XV. Gravidez parto e puerpério	977	14,3	1003	14,8	1029	15,7	1083	17,5	1063	20,9	1037	20,2	841	17,3	461	17,0
XVI. Algumas afec originadas no período perinatal	219	3,2	222	3,3	68	1,0	51	0,8	248	4,9	278	5,4	263	5,4	60	2,2
XVII. Malf cong deformid e anomalias cromossômicas	29	0,4	17	0,3	26	0,4	20	0,3	24	0,5	13	0,3	27	0,6	12	0,4
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clín e laborat	29	0,4	110	1,6	68	1,0	34	0,5	151	3,0	195	3,8	208	4,3	65	2,4
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	309	4,5	232	3,4	268	4,1	210	3,4	223	4,4	266	5,2	297	6,1	156	5,8
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	55	0,8	52	0,8	24	0,4	3	0,0	2	0,0	3	0,1	3	0,1	0	0,0
XXI. Contatos com serviços de saúde	18	0,3	13	0,2	5	0,1	4	0,1	6	0,1	1	0,0	3	0,1	2	0,1
<b>Total</b>	<b>6846</b>	<b>100,0</b>	<b>6785</b>	<b>100,0</b>	<b>6555</b>	<b>100,0</b>	<b>6193</b>	<b>100,0</b>	<b>5093</b>	<b>100,0</b>	<b>5135</b>	<b>100,0</b>	<b>4854</b>	<b>100,0</b>	<b>2713</b>	<b>100,0</b>

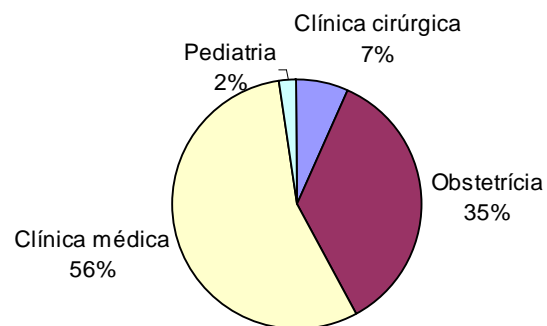
Fonte: SIH/ DATASUS/CMDE/SE/SESMG/SUS

**Proporção de AIH por especialidades por local de Internação, Microrregião Padre Paraíso, 2000**

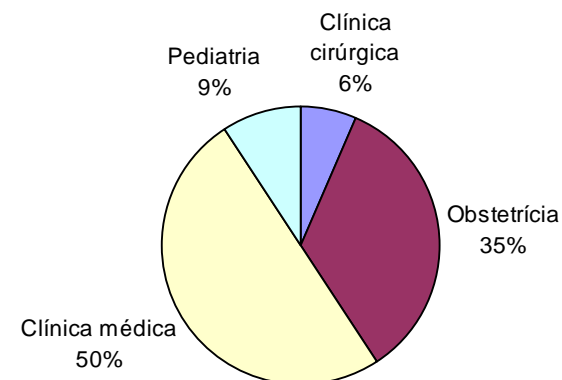
Especialidade	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Clínica cirúrgica	244	7,0	546	15,7	475	13,3	342	9,9	443	13,8	270	8,3	293	9,6	122	6,3
Obstetrícia	1238	35,4	1194	34,3	1276	35,8	1112	32,1	1044	32,6	1175	36,3	1064	34,7	664	34,5
Clínica médica	1941	55,4	1622	46,6	1571	44,0	1671	48,2	1426	44,5	1358	41,9	1432	46,8	961	50,0
Pediatria	79	2,3	122	3,5	247	6,9	339	9,8	292	9,1	437	13,5	274	8,9	176	9,2
Total	3502	100,0	3484	100,0	3569	100,0	3464	100,0	3205	100,0	3240	100,0	3063	100,0	1923	100,0

Fonte: Datasus/ CMDE/SE/SES MG- SUS

**Proporção de AIH por especialidades por local de internação, Microrregião Padre Paraíso, 2000**



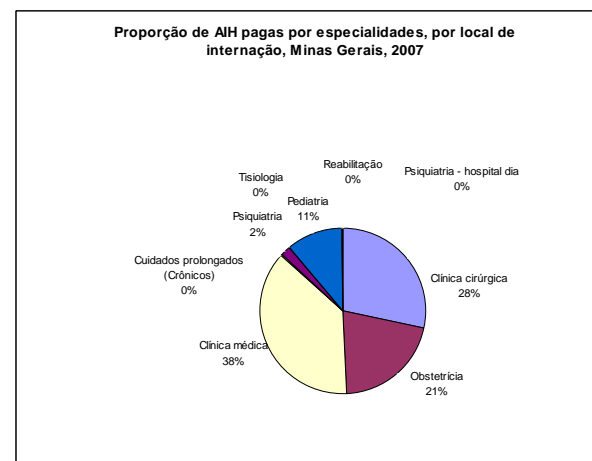
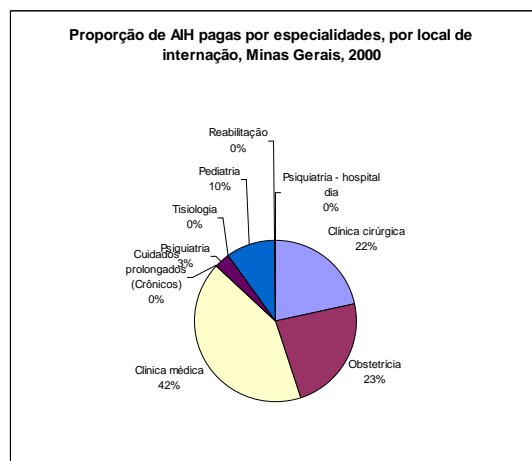
**Proporção de AIH por especialidades por local de internação, Microrregião Padre Paraíso, Janeiro a Julho de 2007**



**Proporção de AIH pagas por especialidades, por local de internação,  
Minas Gerais janeiro de 2000 - junho de 2007**

<b>Especialidade</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Clínica cirúrgica	21,5	22,1	24,6	25,8	27,3	27,7	28,0	28,2
Obstetrícia	23,3	22,5	21,3	21,0	21,0	21,4	20,7	21,1
Clínica médica	42,0	42,1	41,6	40,4	38,5	37,5	37,4	37,4
Cuidados prolongados (Crônicos)	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2
Psiquiatria	3,0	2,6	1,9	1,9	1,8	1,9	2,1	2,0
Tisiologia	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Pediatria	9,7	10,1	10,0	10,4	10,8	10,9	11,1	10,7
Reabilitação	0,2	0,3	0,4	0,3	0,3	0,4	0,3	0,3
Psiquiatria - hospital dia	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: SIH/DATASUS

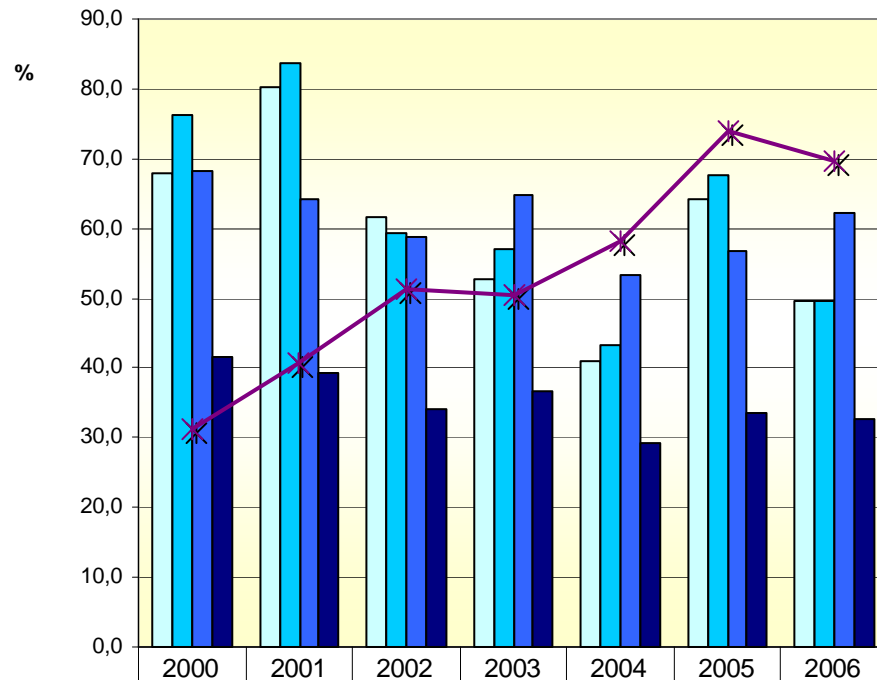


## **Internações por Condições Sensíveis á Atenção Ambulatorial**

Condições Sensíveis á Atenção Ambulatorial - CSAA é uma lista de diagnósticos que um serviço de saúde de atenção primária bem estruturado tem condições de reduzir sua proporção em relação ao total de hospitalizações. O Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde avalia que ações de prevenção de doenças, diagnóstico precoce, tratamento oportuno de patologias agudas e o controle e acompanhamento de patologias crônicas devem resultar a diminuição das internações hospitalares por essas patologias. MS

A SES/MG publicou em 30 de dezembro de 2006 Resolução nº 1093 de 29 de dezembro, instituindo a lista de condições que compõe o indicador “Internações Sensíveis à Atenção Básica”.

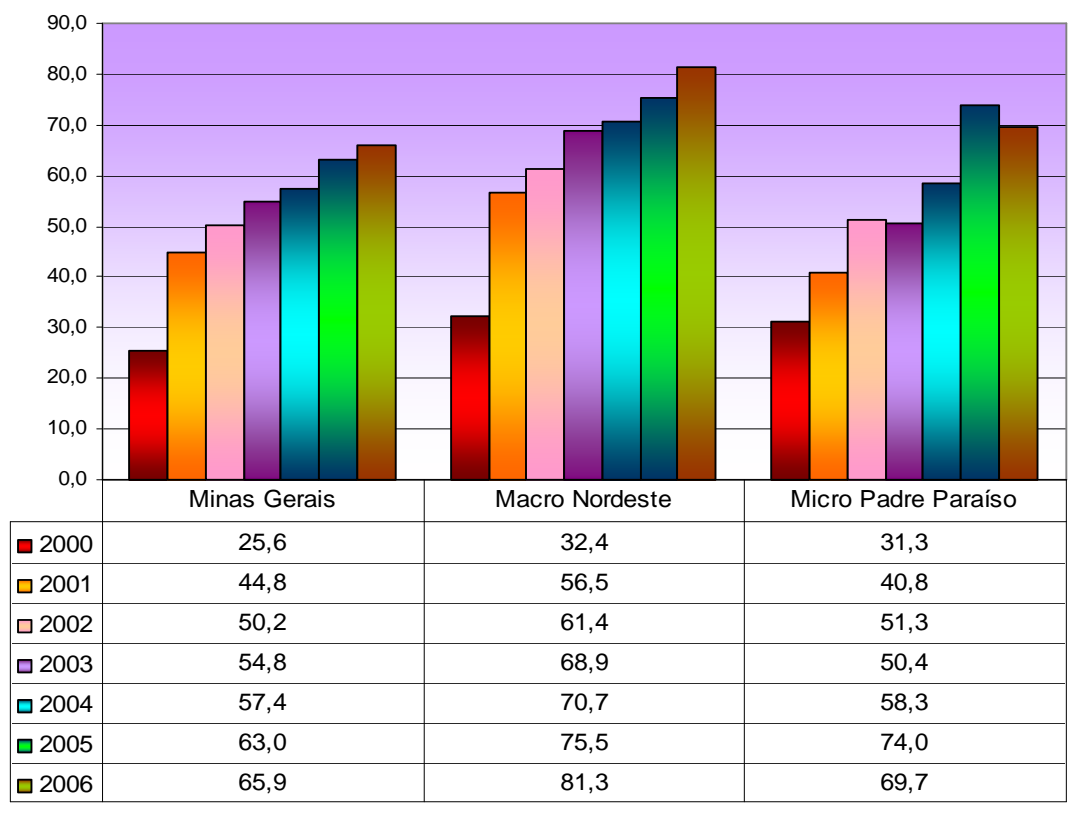
**Proporção de Hospitalizações pelo Sistema Único de Saúde por Condições Sensíveis à Atenção Ambulatorial, por faixa etária e cobertura do Programa de Saúde da Saúde, Microrregião de Padre Paraíso, 2000-2006**



	Menores de um ano	68,0	80,3	61,7	52,8	41,1	64,2	49,6
	Menores de cinco anos	76,2	83,6	59,2	57,0	43,3	67,7	49,5
	Maiores de 60 anos	68,2	64,3	58,7	64,9	53,4	56,8	62,2
	População total	41,5	39,3	34,0	36,6	29,3	33,5	32,6
	Cobertura do PSF	31,3	40,8	51,3	50,4	58,3	74,0	69,7



**Cobertura do Programa de Saúde da Família, Minas Gerais,  
Macrorregião Nordeste e Microrregião Padre Paraíso,  
Minas Gerais, 2000-2006**



Fonte: SIAB/CMD/SE/SESMG/SUS

**Cobertura do programa de saúde da família, Macrorregião Nordeste, Microrregiões,  
Municípios, Minas Gerais, 2000-2006**

Microrregião /Macrorregião /UF	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
	%	%	%	%	%	%	%
Caraí	0,0	0,0	0,0	0,0	24,8	63,3	37,9
Catuji	0,0	95,6	99,2	98,6	100,7	115,5	102,9
Itaipé	137,3	100,4	99,4	99,7	98,2	96,0	96,0
Padre Paraíso	16,7	29,1	61,4	57,5	53,3	<b>53,7</b>	74,6
Micro Padre Paraíso	31,3	40,8	51,3	50,4	58,3	74,0	69,7
Macro Nordeste	32,4	56,5	61,4	68,9	70,7	75,5	81,3
Minas Gerais	25,6	44,8	50,2	54,8	57,4	63,0	65,9

Fonte: SIAB/CPD/ CMDE/SE/SESMG/SUS

## Roteiro para análise dos indicadores

- 1- Observar a cobertura dos bancos de dados.  
Parâmetros- SIM - 4/1000 habitantes-ano e menos de 10% de causas mal definidas;  
SINASC - 2000; 2001; 2002 e 2003 – 19,2 / 1000 hab ano.  
2004; 17 8/1000 hab ano.  
2005 2006; 15 7/1000 hab ano.  
SINAN – observar encerramento oportuno dos casos.  
API – a cobertura esperada para BCG é 90%, contra Febre Amarela 100%, contra influenza nos idosos – 70% e as demais 95%.  
SIAB - completude das equipes e cobertura de 95% das famílias cadastradas/acompanhadas.
- 2- Avaliar pontualidade no envio de dados seguindo fluxo e calendário das portarias ministeriais divulgados pela Coordenadoria de Processamento de Dados Epidemiológicos; envio de dados de todas as unidades notificadoras, resposta às demandas em até cinco dias úteis. Avaliar também a consistência dos dados digitados.  
Ex. API - aplicação de dose de imunobiológicos na faixa etária indicada.  
SIM - causa de óbito compatível com tipo de óbito, idade e sexo;  
SINASC - local de ocorrência e tipo de parto.
- 3- Ter clareza da conceituação, interpretação, usos e limitações dos indicadores.  
Consultar “Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações” disponível em:  
[www.opas.org.br/sistema/arquivos/matriz.pdf](http://www.opas.org.br/sistema/arquivos/matriz.pdf).
- 4 - Para avaliar a organização dos serviços de saúde da região é importante comparar bancos de dados diferentes por ex. internações por condições sensíveis á atenção ambulatorial ( SIH) com cobertura do PSF ( SIAB).
- 5 - Todos os bancos de dados do MS estão disponíveis no site [WWW.datasus.gov.br](http://WWW.datasus.gov.br).  
É importante que os gestores e técnicos consultem regularmente estes bancos.

Fonte: Coordenadoria Estadual DST/AIDS/MG-SUS

## **Observações e sugestões :**

Coordenadoria de Monitoramento de Dados Epidemiológicos/GIE/SE/SESMG/SUS

Tel 31- 32624962

Falar com Salete e Soteris

[saletem@saude.mg.gov.br](mailto:saletem@saude.mg.gov.br)

[soteris.macieli@saude.mg.gov.br](mailto:soteris.macieli@saude.mg.gov.br)